



COLETÂNEA

Concurso de Contos e Crônicas

Gioconda Labecca

2024

Academia de Letras da Grande São Paulo



Concurso de Contos e Crônicas

Gioconda Labecca

2024

Alex Alexandre da Rosa

Leila Maria Linhares

Leonardo Piza de Oliveira

Maria Fernanda Rocha Dias

Paula da Costa Ferreira

Murilo Melo Christino

Abrão Brito Lacerda

Luís Sérgio Bogo

Marcos Almir Almeida de Souza

Lúcio Rodrigues Júnior

Alex Alexandre da Rosa
Leila Maria Linhares
Leonardo Piza de Oliveira
Maria Fernanda Rocha Dias
Paula da Costa Ferreira
Murilo Melo Christino
Abrão Brito Lacerda
Luis Sérgio Bogo
Marcos Almir Almeida de Souza
Lúcio Rodrigues Júnior
Francisco Azuri Soares Nojosa
Marina Barrichello Marone
Beatriz Pires
Douglas Mateus Machado Espinosa
Tiago dos Santos de Souza Hatayama
Sérgio Luiz Tonsig
Rafael Patrino Tellini
Mateus V. Bilhar
Luciana Mourão V. Paulistano de Santana
Flávio Santos de Sousa

COLETÂNEA
Concurso de Contos e Crônicas
Gioconda Labecca
2024

1ª edição

São Caetano do Sul
Academia de Letras da Grande São Paulo

2024

Copyright@2024 – da Algrasp

Permitida a reprodução de textos originais, mesmo parciais,
e por qualquer processo, com autorização da Algrasp.

Os conceitos e opiniões emitidos pelos articulistas e/ou manifestantes são
de inteira responsabilidade de seus autores.

Coordenação Geral

Maria Zulema Cebrian

Acadêmicos • Comissão Julgadora

André Chaves
Guaraciaba Gissoni
Sérgio Ballaminut

Revisão

Maria Zulema Cebrian
Paula Fiorotti

Secretaria e Coordenação

Maria Aparecida Mancini Fedatto

Editoração

Maria Zulema Cebrian
Maria Aparecida Mancini Fedatto

Projeto Gráfico e Diagramação

Roberta Giotto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Concurso de contos e crônicas : coletânea /
coordenação Maria Zulema Cebrian. -- 1. ed. --
São Caetano do Sul, SP : Academia de Letras da
Grande São Paulo - ALGRASP, 2024.

Vários autores.
ISBN 978-65-88128-07-7

1. Contos brasileiros - Coletâneas 2. Crônicas
brasileiras - Coletâneas I. Cebrian, Maria Zulema.

24-226654

CDD-B869

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Antologia B869
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

**Academia de Letras
da Grande São Paulo (Algrasp)**
Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255
CEP: 09521-520
São Caetano do Sul – SP
Tel. (55) 11 4221-1643 e (11) 93905-4112

WWW.ALGRASP.COM.BR
academiadeletrasp@gmail.com

Composto em sistema
de editoração eletrônica
Impresso no Brasil

ISBN: 978-65-88128-07-7



9 786588 128077

COLETÂNEA

Concurso de Contos e Crônicas

Gioconda Labecca

2024

Prefácio

É com grande satisfação que a Academia de Letras da Grande São Paulo apresenta esta coletânea, resultado do Concurso de Contos e Crônicas Gioconda Labecca de 2024, que contou com a participação de 301 escritores de todas as regiões do Brasil. Esta iniciativa, promovida por este Sodalício, representa nosso compromisso contínuo em fomentar a literatura e dar voz aos talentos emergentes que, com suas palavras, contribuem para nossa cultura literária.

A diversidade dos textos aqui reunidos é um testemunho da pluralidade que caracteriza o Brasil. De norte a sul, de leste a oeste, cada autor trouxe à tona um pedaço de sua realidade, de suas vivências, de suas reflexões, revelando a complexidade e a beleza de nossa sociedade. São contos que nos transportam para mundos distintos, explorando a imaginação, o drama, o humor; e crônicas que capturam momentos fugazes, oferecendo-nos um olhar perspicaz sobre o cotidiano.

Este ano, o concurso destacou-se não apenas pelo número expressivo de inscritos, mas pela qualidade literária das obras submetidas. Foi um desafio para os jurados selecionarem as melhores entre tantas criações inspiradas, e é com orgulho que apresentamos o resultado.

Este livro não é apenas uma celebração da escrita, mas também da nossa identidade como nação. Cada texto aqui presente é uma peça do mosaico que compõe a literatura brasileira contemporânea. Que estas páginas sirvam de inspiração para novas gerações de escritores, e que continuemos a valorizar e incentivar a produção literária em nosso país.

Agradecemos a todos os participantes que, ao longo desta jornada, confiaram em nosso concurso e compartilharam conosco suas histórias. Acreditamos que este livro é uma prova viva do poder da palavra e de sua capacidade de transformar e unir as pessoas.

Maria Zulema Cebrian

Presidente

Agradecimento à Comissão Julgadora

Gostaríamos de expressar nossa profunda gratidão à Comissão Julgadora do Concurso de Contos e Crônicas Gioconda Labecca, formada pelos Acadêmicos André Chaves (Cadeira 06 - Patrono Machado de Assis), Guaraciaba Gissoni (Cadeira 18 - Patrono Judas Isgorogota) e Sergio Ballaminut (Cadeira 20 - Patrono Mário de Andrade), pela dedicação, cuidado e rigor demonstrados por cada um, essenciais para o sucesso desta edição. Analisar um volume tão significativo de obras, provenientes de diferentes regiões do Brasil, foi um desafio imenso, e vocês desempenharam essa tarefa com excelência. Ressaltamos, ainda, a grande contribuição de nossa secretária Maria Aparecida Mancini Fedatto, em todo o processo de organização do concurso.

A diversidade e a qualidade das inscrições exigiram uma avaliação criteriosa, e somos gratos pela forma como conduziram esse processo, respeitando a singularidade de cada texto e reconhecendo o talento de nossos escritores. O comprometimento e a sensibilidade de cada um dos jurados refletem o espírito deste concurso, que busca celebrar e promover a literatura brasileira em todas as suas formas.

Em nome da Academia de Letras da Grande São Paulo, agradecemos profundamente por todo o trabalho árduo e pela dedicação incansável de todos. Este concurso não seria possível sem o empenho e o profissionalismo da nossa Comissão Julgadora.

Maria Zulema Cebrian
Presidente

Caros participantes,

Em nome da Academia de Letras da Grande São Paulo, gostaríamos de expressar nossa mais sincera gratidão a todos que se inscreveram no Concurso de Contos e Crônicas Gioconda Labecca. A sua participação enriqueceu este evento e celebrou a paixão pela literatura.

Cada obra submetida é uma prova do talento e da criatividade que existe em nossa comunidade literária. A qualidade e a diversidade dos textos recebidos demonstram o vigor da literatura em nossa nação e a importância de promover e reconhecer novos escritores.

Agradecemos profundamente pelo tempo, esforço e dedicação investidos em cada trabalho. Este concurso não seria o mesmo sem o entusiasmo e a participação de vocês.

Desejamos a todos, ganhadores ou não, sucesso e inspiração contínua em suas jornadas literárias. Continuem a escrever e a contribuir para o rico universo das palavras.

Com agradecimento e apreço,

Maria Zulema Cebrian

Presidente

ACADEMIA DE LETRAS DA GRANDE SÃO PAULO



Gioconda do Carmo Labecca de Castro

Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupou a Cadeira 30, cujo patrono é Augusto dos Anjos.

Natural de Campanha (MG), era filha de Humberto Labecca e de Iria de Rezende Labecca. Professora e assistente social, fez cursos de Parapsicologia, Psicologia e Psicologia Dinâmica. Com curso superior em Parapsicologia, formou-se também em Legislação Trabalhista e Relações Humanas. Ainda estudou Literatura, na Academia Brasileira de Letras (RJ); História, no Ateneu Paulista; e Literatura, na Academia Paulista de Letras. Foi presidente da Academia de Letras da Grande São Paulo por sete anos. Fez parte da Academia Brasileira de Trova (RJ), ocupando a Cadeira de Teófilo Dias; do Círculo de Cultura Luso-Brasileira e Luso-Espanhol – Portugal; e da Sociedade de Homens de Letras do Brasil (RJ), entre outras. Tem várias obras publicadas. Faleceu em 14 de julho de 2020.

15

ANJINHOS

Primeiro lugar
Alex Alexandre da Rosa

19

PÁLPEBRAS

Segundo lugar
Leila Maria Linhares

21

HARU E A TERRA DA SOMBRA

Terceiro lugar
Leonardo Piza de Oliveira

29

CAMPO DE SONHOS E LUTAS:**POESIA E RESISTÊNCIA NA VÁRZEA**

Maria Fernanda Rocha Dias

31

O CÃO DAS ESTRELAS

Paula da Costa Ferreira

35

SÓ SEI QUE A TELA SABE

Murilo Melo Christino

37

O LUTO DO LUTHIER

Abrão Brito Lacerda

43

A CASA - HISTÓRIA DE UMA PRIMAVERA TARDIA

Luis Sérgio Bogo

49

EXTRAVASANTE

Marcos Almir Almeida de Souza

54

RAM MÓVEIS

Lúcio Rodrigues Júnior

59 **PEDRA KOINÉ**
Francisco Azuri Soares Nojosa

61 **POR UMA CABEÇA**
Marina Barrichello Marone

64 **O CÁRCERE DE DALVA**
Beatriz Pires

66 **SAPIÊNCIA**
Douglas Mateus Machado Espinosa

71 **NARCISO**
Tiago dos Santos de Souza Hatayama

77 **A CORAGEM -
UMA AVENTURA IMPROVÁVEL**
Sérgio Luiz Tonsig

82 **O SANTO E O LOUCO**
Rafael Patruno Tellini

87 **INCLUSIVE VANESSA**
Mateus V. Bilhar

89 **O MAR ENFEITIÇADO**
Luciana Mourão V. Paulistano de Santana

94 **ASSIM SEJA**
Flávio Santos de Sousa

Ganhadores

PRIMEIRO LUGAR

Alex Alexandre da Rosa

Jundiaí – São Paulo

ANJINHOS

Todas as noites, o capataz da fazenda abandonava seu posto de vigia para se embocar na senzala. Ali, no silêncio atormentador, Teresa sofria os abusos da supremacia maligna. Incapaz de repudiar, invisível aos olhos medrosos dos demais infelizes e à parte de qualquer resposta de suas súplicas, ela padecia calada. Há tempos, perdera a fé. No entanto, o choro havia diminuído. Toda escuridão é abrandada com as cores da aurora. Teresa estava grávida.

No romper do dia, o corpo do capataz foi encontrado com uma estaca em seu coração. As agressões cessaram. Os olhos de quem fazia valer seu poder para desumanizar os escravos submissos, agora, mostravam a agonia de uma morte lenta, que não passaria despercebida. Inácio, ainda que satisfeito – mais aliviado do que contente –, sabia que viriam atrás dele. Havia jurado de morte o tal homem quando ficou sabendo das atrocidades que ele fazia com sua amada. Ele o mataria, sem pestanejar, se tivesse oportunidade, mas não o fez. Outro tirou a honra de suas mãos.

Antes que o sol secasse o orvalho da noite, Inácio estava preso a um vira-mundo e usando uma focinheira, enquanto decidiam o que fazer com ele. O olhar corajoso de quem esconde as cicatrizes no corpo receava uma dor tão peculiar e íntima.

Dois capatazes entraram no recinto. Com uma calma diabólica, colocaram sobre a mesa um pequeno objeto de ferro com dois buracos. Inácio sabia do que se travava: anjinhos. A barbárie humana excedeu os limites da monstruosidade. O escravo já tinha passado por muitas coisas naquele inferno. Todos os tipos de mutilações que diziam ser para purificá-lo. Torturas convertidas em invenções sádicas; a palmatória, o tronco, os açoites... tudo isso fez com que se

tornasse destemido e forte o bastante para suportar os castigos. Contudo, desta vez, o suor em sua fronte era real. Sentiu o sangue esfriar em seu estômago.

Tiraram lentamente o vira-mundo e a focinheira de seu corpo, mas antes que pudessem submetê-lo ao artifício que levava o nome de natureza incompatível, trouxeram Teresa. O escravo respirou ofegante, deixando transparecer sua importância. Em agonia, suplicava para que a deixassem em paz.

Os capatazes, livres de qualquer compaixão, mandaram Teresa estender a palma de sua mão para cima. Um pedaço de pau surgiu. O grito ecoou pela fazenda. Os urros iam diminuindo e se aprofundando em agonia a cada palmatória. A dor de Teresa era real, não se equivalia em uma balança justa, no entanto, Inácio sofria a cada golpe, a cada lágrima. Cerrou os punhos, respirou profundamente. Intentou um ataque, recuou – como sempre. Sabia que qualquer ato de imprudência ali custaria sua vida; pior, custaria a de Teresa.

Havia satisfação nos olhares dos malfeitores, prazer na dor. Quando os gritos cessaram, os capatazes mandaram levá-la para fora do recinto. Seus olhares correram até Inácio, em uma maldade exposta. Teresa estava com as palmas das mãos esfoladas. Sobreviveria. Havia passado por coisas piores.

Sobre uma mesa prenderam os dois dedões do escravo. O corpo de Inácio tremia antes mesmo de apertarem os parafusos. Sua respiração acelerada e os olhos arregalados davam indícios do pânico vindouro. Uma voz ecoou com costumeira autoridade:

— Foi você que matou o capitão?

— Não!

Um breve aperto no parafuso. O suficiente para Inácio saber o que estaria à sua espera.

— Responda? Foi você?

— Não...

Mais meia volta no parafuso. Uma contorcida de corpo, um suspiro de dor. Nenhum grito. Inácio, cuja perseverança tentava esconder o medo, juntava as forças de seus anos para resistir à tortura.

— Foi você?

Não houve resposta.

Inácio temia as perguntas, assim como temia o silêncio.

— Responda! Foi você? – gritou o capataz.

O escravo, aflito, balançou a cabeça negativamente. Lá fora, Teresa pôde ouvir o grito da penitência. Chorou outra vez. Chorou além de suas lágrimas, além das profundezas de seu espírito. Os gritos aumentaram. O corpo de Inácio tremia involuntariamente; transpirava medo e sangue. A cada apertada no parafuso, uma dor insuportável penetrava em seus sentidos. O tormento era verdadeiro. Inácio não suportava mais, ninguém aguentaria. Confessou:

— Fui eu! Fui eu!

Na praça da cidade, amontoavam-se curiosos e escravos obrigados a assistirem – como exemplo – à execução de Inácio por enforcamento.

Acorrentado ao carrasco, com as correntes atrasando seus passos, o escravo percorreu os becos da cidade até o pelourinho. Inácio temia a morte, mas, paradoxalmente, estava aliviado pelo fim. Enxergava nela sua tão sonhada liberdade.

Em forma triangular, a força se erguia sobre três moirões. O escravo sabia que não havia esperança. Uma vez condenado, o cativo não tinha apelo. A corda foi ajustada ao seu pescoço, amarrada às injustiças do tempo. Inácio procurou um par de olhos negros entre a multidão, encontrou-os. Teresa o encarou, confortada e triste.

Dizem que as dores da alma sobrepujam as do corpo. Inácio sempre achou ser mentira. Não ali, pensava. Ali, as dores eram reais. Para ele, nada se comparava aos atos insanos que eram cometidos naquele canto do mundo, aos pesos daquelas correntes. Pensava assim até o dia em que viu o olhar de uma mãe ao ser separada de seus filhos. Aquela dor era maior... nunca se esqueceria.

Assim como levaria para a eternidade o olhar de Teresa, que, com

os olhos vermelhos e gratos, viu seu amado pagar um preço injusto, enquanto o medo e o amor pelo fruto em seu ventre silenciavam a vontade de se confessar.

Para Inácio, já não havia arrependimentos. Ele reconheceu quem havia cravado a estaca. Sob a angústia estabelecida na certeza de que faria tudo para defender um filho, assinou sua sentença. Teresa chorou; Inácio, não mais.

— **C**

SEGUNDO LUGAR

Leila Maria Linhares
Praia Grande – São Paulo

PÁLPEBRAS

Nas pálpebras, o músculo orbicular iniciou o movimento nos primeiros 200 milissegundos¹.

Na mente, o quintal estendia-se como um corredor comprido por meia quadra, onde havia um pé de café com frutos vermelhos e doces. As crianças os arrancavam e chupavam como balinhas. Uma cerca separava a maior parte do quintal com várias ameixeiras. Ao descer um degrau, o caminho de pedras soltas exibia, à esquerda, as roseiras. O aroma das rosas era suave. Ela encantou-se quando viu, no chão, perto das pétalas caídas, um montinho de terra com formigas vermelhas pequeninas em alvoroço. A criança devia ter uns 3 anos e, sem titubear, sapateou no formigueiro. Os adultos só perceberam quando ela começou a chorar, então levaram-na para a cozinha da casa e passaram álcool para aliviar a dor das picadas. Foi assim a sua primeira experiência consciente de como o mundo poderia ser doloroso.

Os milissegundos arrastavam-se como horas. Agora ela era jovem e engolia o choro. Sentada na beira da cama tentava manter as mãos firmes, enquanto tirava o curativo da perna amputada do pai. A pele cobria o toco do membro, logo abaixo do joelho, com os pontos mal feitos. Corajosa, ela escondia o desespero. O esfíncter das pálpebras repuxava a pele da testa e da bochecha em direção ao nariz.

Num átimo, era noite de Natal e os grupos de homens e mulheres estavam separados na sala ampla da casa da tia. Mulheres conversavam com mulheres e homens com homens. Devia ser nos anos 1970, pois as roupas denunciavam a época. A jovem fingia não ouvir a conversa dos adultos. Uma das mulheres era professora do colégio no qual ela estudava e comentava com as outras: “a redação escrita

por ela é de uma criança notável. Todos na sala dos professores se encantaram!”.

Ela se dava melhor com a diversidade das palavras do que com a exatidão dos números. Sorriu. Foi considerada “notável”. A educação era rígida e o colégio era de freiras. As críticas e os erros eram ressaltados, mas os acertos, quase nunca. “Notável é a vida”, disse, em pensamento, para si mesma.

Mais alguns milissegundos se passaram e, nesse instante, ela dirigia um carro. Era um entardecer e a estrada estava vazia. Naquele tempo, a moça ainda tinha fé numa religião. Acompanhava pelo espelho retrovisor um outro carro, com dois homens, que a seguia e, pouco antes, tentara tirá-la da estrada. Enquanto imaginava as péssimas intenções deles, olhava pelo espelho e dizia em voz alta: “Jesus está comigo! Jesus está comigo, nenhum mal me alcançará”. Pisou fundo no acelerador e escapou por pouco.

Em seguida, nos milissegundos seguintes, ela estava tomando um banho de mar. A água era morna e relaxava o corpo, enquanto boiava além da rebentação das ondas. Levantou-se e acenou para a praia, onde estava a pessoa amada. O gesto foi correspondido. “O amor é tudo”, pensou. As pálpebras moviam-se uma em direção da outra. Ela supôs ter ouvido uma voz ao longe chamando seu nome. Não, não era ninguém, era só impressão.

Agora ela admirava o céu de um azul intenso, sem nuvens, formando uma abóbada sobre a sua cabeça. A felicidade em respirar o ar frio e caminhar naquela manhã gelada e perfeita lhe enchiam de esperança. Fazia planos e maquinava a melhor maneira de concretizá-los. Era uma mulher madura e tinha aprendido um tanto com a vida.

De repente, o monitor multiparamétrico de sinais vitais soou um bipe contínuo.

Mil milissegundos se passaram e os olhos se fecharam para sempre.

¹ Um segundo é igual a mil milissegundos.



TERCEIRO LUGAR

Leonardo Piza de Oliveira

Campinas – São Paulo

HARU E A TERRA DA SOMBRA

No fim da ruazinha estreita que atravessava duas grandes construções, uma placa de madeira escrita em japonês indicava a chegada ao porto de Kobe. Era madrugada, o vento frio cortava tudo o que cruzava. Um casal caminhava sem muito enxergar, passando por debaixo da placa, rumo ao cais repleto de barcos. O homem levava nas mãos duas bagagens, com espaço suficiente para os poucos pertences da família. A mulher carregava a filha de 6 anos adormecida em seus braços. Moviam-se apressadamente pelas ruas, examinando os arredores como ratos em fuga.

Novas famílias se aproximavam do cais como vultos na escuridão. Seus passos eram tão leves que quase flutuavam. Alguns carregavam seu medo estampado no rosto.

Um senhor de chapéu se aproximou do casal e sussurrou em um japonês arcaico:

— É o último barco. Encontrarão um rapaz à frente para orientá-los. Sejam rápidos, já vamos sair.

Concordaram com a cabeça e seguiram. Entregaram suas bagagens ao rapaz e entraram no barco em silêncio. Assim como os outros, acomodaram-se em um canto do convés, com cuidado para não acordar a menina.

— Ela fará muitas perguntas quando acordar, Isao — disse a mulher, acariciando os cabelos da filha.

— Sim, meu amor — respondeu o marido. — Sabemos que isto é inevitável.

Fumiko era séria e introvertida, não gostava de expor o que pensava, muito menos o que sentia. Vinha de uma família rígida e fechada. Haru estava na fase de fazer perguntas sobre todo tipo de

tópico, o tempo todo, e isso desafiava a mãe.

Ela conseguia imaginar, então, em meio àquela fuga sem aviso prévio, que a filha se sentiria confusa com a nova mudança, como se já não bastasse as muitas pelas quais haviam passado nos anos anteriores, em meio às atrocidades que aconteceram ao seu redor. Foram, sem dúvida, anos muito difíceis.

O céu já estava claro quando Haru chacoalhou o braço do pai.

— *Oton!* Acorde, *oton!* Onde nós estamos?

Enquanto o pai esfregava os olhos e se levantava do chão do convés, Haru cutucava a perna da mãe.

— *Okan!* Só vejo água! O que aconteceu? *Okan!*

Isao parou atrás da filha e a suspendeu pelos braços.

— Deixe sua mãe descansar, Haru. Venha, vamos dar uma volta.

De mãos dadas com o pai, Haru não conseguia tirar os olhos do mar.

— *Oton*, onde estamos? Onde foi parar nossa cidade?

— Nós decidimos te trazer em uma viagem, Haru. Ficaremos por um tempo velejando e então chegaremos a um lugar incrível. Se você gostar muito de lá, poderemos até ficar para morar.

A menina olhou desconfiada para o pai.

— E meus tios? E a prima Sachiko? Eles também estão aqui?

O pai sabia que tinha de mentir e o sentimento de culpa começava a pesar-lhe no peito.

— Eles disseram que viriam depois de nós.

Haru parou de andar, fazendo com que o pai também parasse. Ficou pensativa, a desconfiança ainda estampava seu rosto.

— Como é o lugar para onde estamos indo, *oton?*

— Não sei dizer ao certo, só ouvi falar dele. Mas dizem que é um lugar muito bonito, com paisagens encantadoras. Você gosta de admirar paisagens, não?

— Sim, gosto... — a menina devolveu sua atenção ao movimento do mar.

Voltaram para perto de Fumiko, que guardava algumas roupas da madrugada anterior em uma das malas.

— Estava procurando por vocês. O que estavam aprontando?
— *Oton* estava me explicando sobre o lugar para onde vamos.
— Ah, é? — *Fumiko* parou o que estava fazendo. — E o que você achou?

— Não sei, *okan*. Eu gostava da nossa cidade!

— Eu sei, querida, eu também gostava. Mas temos que dar uma chance para novas experiências de vez em quando.

— *Oton* disse que meus tios vêm também daqui um tempo. Quero ver a prima *Sachiko*.

Fumiko lançou um olhar desaprovador ao marido, que encolheu os ombros.

— Ah, ele disse isso?

— Não há muito que se ver nessa paisagem — *Haru* se apoiou na beira da proa, na ponta dos pés, observando o horizonte. — Pelo menos o Sol apareceu mais cedo hoje. Ah, *okan*, adoro o nascer do Sol!

Fumiko olhou ao redor bruscamente, procurando por pessoas próximas.

— *Haru*, é melhor que não diga isso aqui no barco. As pessoas não podem ouvir esse tipo de coisa.

— Que coisa? Qual o problema em falar do Sol?

— As pessoas da nossa terra têm medo do Sol, *Haru* — sussurrou *Isao*. — Especialmente do Sol nascente.

Mais um olhar de desaprovação era lançado por *Fumiko*.

— O que seu pai quis dizer, *Haru*... É que o Sol é uma entidade tão imponente que assusta muitos japoneses. E nossa terra é conhecida como o primeiro lugar onde ele nasce, trazendo consigo todo o seu brilho intimidador.

— Mas o Sol é tão lindo! E eu amo quando ele aparece para me aquecer nos dias frios! Que bobagem ter medo do nascimento de uma entidade tão bondosa, quando deveríamos ser gratos!

Os pais da menina sorriram um para o outro. Apesar de sabermos a verdade por trás daquela expressão, era admirável ver como a filha possuía opinião forte sobre todo tipo de assunto.

— Estou entediada... — reclamou Haru.

— Por que não faz amizade com algumas das crianças do barco?

— sugeri o pai. — Tenho certeza de que adorarão se conhecer.

— Ainda não encontrei nenhuma criança! Devem estar todas escondidas do Sol.

E assim, passaram um mês inteiro sobre as águas do Pacífico. Haru fizera algumas amizades no barco. Não havia muito espaço para brincar, então as crianças se sentavam e contavam histórias fictícias sobre criaturas escondidas nas nuvens e monstros marítimos, baseando-se nos poucos estímulos visuais.

Quando o barco finalmente parou em terra firme, estavam em outro continente, no sul da América. Ainda sentiam em suas pernas o balançar do barco.

Haru falhou na tentativa de se manter acordada para presenciar sua chegada ao Brasil. Não sentiu a mãe carregá-la pelo porto de Fortaleza enquanto o pai ia à frente com as bagagens. Não os viu entrar discretamente em um carro oferecido pelo mesmo rapaz que os recebeu no barco em Kobe. Quando chegaram ao destino final, Haru abriu os olhos. Sentiu-se perdida e assustada, assim como foi no início da longa viagem.

Fumiko se apressou em explicar à filha que estavam em um vilarejo na Amazônia, no norte do país, e que ali permaneceriam por um tempo considerável.

— Ama... Amazoni? — esforçou-se Haru em repetir a nova palavra. — Nem consigo dizer o nome! Pelo menos *oton* estava certo, as paisagens são mesmo encantadoras.

— Encontraremos tempo para conhecer melhor o lugar. — Fumiko organizava as malas em uma cabana oferecida por moradores japoneses mais antigos. Tiveram a sorte de não precisar, ao menos até aquele momento, dividir o espaço com nenhuma outra família.

— Por enquanto, precisarei da sua ajuda nos afazeres domésticos. Quando terminarmos, poderemos visitar seu pai nas plantações.

Enquanto a mãe cortava legumes presenteados por uma mora-

dora como gesto de boas-vindas, Haru dobrava cobertores sobre um colchão.

— *Okan*, onde foram parar os amigos que fiz no barco? Não os encontrei quando chegamos!

— Devem ter se separado de nós no porto, querida. Talvez estejam em outro Estado. Não tivemos a chance de escolher para onde iríamos. Mas não se preocupe, deve haver outras crianças no vilarejo.

Mais tarde, quando mãe e filha deixaram sua cabana para dar um passeio, perceberam que muitos dos habitantes já não falavam mais sua língua materna. Falavam uma nova língua, a mesma que os naturalizados.

— *Okan*, não entendo nada do que dizem! — reclamou Haru, em japonês.

— Não se preocupe, Haru, com o tempo nos adaptaremos. — Fumiko estava tão preocupada quanto a filha, acenando com a cabeça para moradores que passavam por ela, possivelmente as cumprimentando, já que sorriam enquanto falavam.

Chegaram à plantação de arroz onde Isao auxiliava os outros homens com trabalhos manuais. Era um dos homens mais jovens que chegaram no último grupo e sua boa condição física era de grande ajuda.

— *Oton!* Viemos te ver! — gritou Haru, correndo em direção ao pai.

— Haru, querida! Não me abrace, estou suado. O que achou da Amazônia?

— O lugar é bonito, mas ainda não consigo dizer esse nome... — a menina observou a expressão animada do pai. Não queria desapontá-lo. — Que tal criarmos um apelido carinhoso?

— Claro! Do que acha que poderíamos chamá-la?

— Hum... — Haru olhou ao redor. Árvores altas e imponentes cobriam boa parte do céu, mal permitiam que a claridade atingisse o solo. — Bem, se nossa casa era considerada a Terra do Sol Nascente... Acho que podemos apelidar este lugar de Terra da Sombra.

À noite, Haru deitou-se para dormir após o jantar. Estranhou ouvir grilos e aves noturnas ao invés de ondas se chocando com o barco. Acordou pouco tempo depois e checkou se os pais estavam na cabana. Ouviu um som vindo da porta, um chiado acompanhado de uma voz grave.

Olhou discretamente por uma fresta no batente e reconheceu seus pais sentados em uma roda no chão com outros moradores, atentos ao que era informado em japonês por um pequeno rádio de madeira.

— O Império do Japão assinou hoje, em Berlim, o Pacto Tripartite, formalizando assim sua aliança com Alemanha e Itália. A aliança, conhecida como Eixo, formou-se com o principal intuito de...

Fumiko levantou-se do chão de repente.

— Farei companhia a nossa filha — sussurrou para o marido. — Quero esquecer um pouco esse assunto.

Haru correu para seu colchão e fingiu estar dormindo para não levar bronca da mãe.

Na manhã seguinte, mãe e filha colhiam frutas nas árvores próximas ao vilarejo e guardavam-nas em cestas de palha. Quando concluíram o serviço, sentaram-se sob uma árvore para aproveitar a sombra. Ficaram observando a paisagem do topo do pico onde se encontravam.

— Haru? Há algo errado, filha? – perguntou Fumiko. — Está cabisbaixa hoje.

— É só que... Desculpe, *okan*, aprendi a gostar da Terra da Sombra, mas... sinto falta de casa!

— Eu também sinto, querida — seus olhos marejaram — mas chegamos há tão pouco tempo. Ainda nem desvendamos todas as maravilhas escondidas nesse lugar...

— Mas e meus antigos amigos? E nossos familiares? Não conseguiriam vir nos visitar?

— Não sei, Haru... — foi a resposta dada pela mãe pela primeira vez desde o nascimento da menina. — Estou tão perdida quanto você.

Fumiko se levantou e chacoalhou o vestido. Então, pegou uma das cestas do chão e a puxou para seu antebraço.

— *Okan...* — chamou Haru — existe a chance de algum dia voltarmos para nosso povo?

A mãe suspirou fundo. Sabia que era errado continuar alimentando as esperanças da filha.

— Creio que não, Haru. A esta hora, já foram todos dominados pelo Sol.

— **C**

**Honra
ao Mérito**

Maria Fernanda Rocha Dias
Pelotas – Rio Grande do Sul

CAMPO DE SONHOS E LUTAS: POESIA E RESISTÊNCIA NA VÁRZEA

Ao tombar do Sol, o imenso céu veste um laranja rosado. O vento frio arrepia todos os pelos do corpo num balé de sensações que dançam com o suor e o calor do alento. Vestes desgastadas contam histórias de lutas diárias, enquanto olhos faíscam competitivos, cercados por olheiras que são como sombras de noites mal dormidas. Rugas precoces desenham mapas de experiências na pele jovem, e mechas prateadas reluzem sob a luz fraca do poste.

Gritos de vozes silenciadas por gerações, agora rompendo as correntes do silêncio. Suspiros de alívio e tensão. Gol. A bola, simples e gasta, ressoa pelo campo de várzea como um tambor que marca o ritmo de corações apaixonados. Ali, no campo de terra batida, onde sonhos e realidade se entrelaçam, o futebol transcende o jogo e vira manifesto.

O campo é um teatro a céu aberto, no qual se encenam dramas e glórias da vida cotidiana. Os jogadores, operários do dia a dia, transformam-se em poetas de chuteiras. Cada passe, cada drible, é uma resposta às correntes invisíveis que tentam aprisioná-los. O capitalismo, com suas promessas vazias e seus olhos gananciosos, não consegue roubar a essência do que se vive ali. É uma válvula de escape, um grito abafado pela maquinaria incessante das fábricas, um suspiro de liberdade em meio à opressão.

As chuteiras rasgam o chão seco como se quisessem plantar sementes de revolta. Cada gol é um ato de resistência. O suor que escorre pelas testas e corpos não é só fruto do esforço físico, mas também das dificuldades enfrentadas fora do campo. É o resultado de jornadas de trabalho exaustivas, de salários baixos e de sonhos que insistem em sobreviver.

A cada dividida, o contato é mais do que físico, é a colisão de realidades distintas, de um presente árduo e um futuro desejado. No círculo central, não apenas se inicia uma partida, mas se convergem histórias de vida. Sorrisos e lágrimas se misturam ao pó que sobe do chão, desenhando um mosaico de sentimentos que o sistema tenta silenciar.

No apito final, a vitória não é medida apenas pelos gols no placar, mas pela capacidade de, por 90 minutos, desafiar a ordem estabelecida. Os torcedores, também marcados pelo suor diário, são testemunhas e participantes dessa narrativa. Seus gritos, suas palmas, são ecos de uma busca por reconhecimento, por visibilidade, por voz.

O futebol de várzea é mais do que um jogo, é a síntese de uma luta constante, o espaço onde o proletariado encontra refúgio e força. Ali, as regras são definidas pela coletividade, pela solidariedade, e não pelas imposições do mercado. A camisa, mesmo surrada e desbotada, é um manto de dignidade, de pertencimento, de resistência.

Enquanto o Sol se põe e o céu se transforma em um azul profundo, os jogadores retornam aos seus cotidianos, levando consigo a energia renovada pela partida. O campo vazio, agora silencioso, aguarda o próximo encontro, o próximo ato dessa peça contínua. É um palco de liberdade, no qual o futebol é poesia e protesto, o suor é tinta, e o esforço é verso.

Na periferia esquecida pelos poderosos, o futebol da várzea pulsa vida e esperança. E enquanto houver uma bola rolando, haverá resistência, haverá sonho, haverá a certeza de que, no fundo, ele é uma luta silenciosa contra a opressão, um canto de liberdade em meio ao caos.

— C

Paula da Costa Ferreira
Niterói – Rio de Janeiro

O CÃO DAS ESTRELAS

Até onde eu sei, ele foi o único cão capaz de conhecer as constelações pelo nome. Tinha pelagem marrom-escura, com manchas claras. No dorso, uma delas, bem mais clara, sobressaía, quase branca, e brilhava à luz da Lua. Por isso era chamado de Starlight. Ele aparecera na cidade como qualquer vira-lata, andando pelas ruas despreocupadamente, buscando restos de comida e afagos. Mas tinha um comportamento fora do comum para sua espécie: passava todas as noites num ponto elevado olhando o céu estrelado. E seu olhar se dirigia a cada canto do espaço com uma expressão muito peculiar, diferente dos outros cães, fossem de raça ou não.

Gostar tanto das estrelas causava estranheza, pois nenhum bicho se preocupa com os movimentos do planeta, apenas se concentra no que acontece ao redor. Nem mesmo as aves, que parecem conhecer os ventos e que, quando migram, avistam grandes extensões de terra e mar. Ou as baleias, para quem os sete mares não passam de sete lagoas. E essa inusitada admiração pelo espaço, demonstrada por aquele cão, fez o astrônomo se aproximar aos poucos, sem assustar a criatura, e sentar-se ao seu lado.

O astrônomo sofria de um mal que provocava cegueira progressiva, e esta o afastara do observatório astronômico da Capital. Então, ele buscava adaptar-se à nova realidade e a uma vida interiorana e solitária. Dedicara-se inteiramente às observações astronômicas e não chegara a constituir família. Conseguiu fazer contato com esse cachorro das ruas, que lhe pareceu possuidor de inteligência superior ao normal. Ele o transformou, aos poucos, em seu cão-guia. Mais do que isso: tornaram-se inseparáveis. Cada um se identificou

com o interesse do outro e o homem observador do infinito uniu-se ao animal, que o surpreendeu ao aprender rapidamente o nome dos astros. Isso era certo, pois olhava corretamente para a constelação que o outro nomeava em seus passeios noturnos.

Starlight conduzia o novo companheiro por toda a cidade por meio de pontos de referência: “me leve à padaria onde fomos ontem, agora ao supermercado da esquina. Passemos no açougue para comprar carne, vamos àquele do senhor simpático que lhe oferece ossos”. Agia como um segundo par de olhos para o astrônomo durante o dia, e, à noite, como lanterna. Tinha noção precisa das horas pelo movimento do Sol ou das estrelas (ou seja, pelo movimento da Terra no espaço). Era um perfeito navegador.

No início do relacionamento, o astrônomo recebia do cão uma resposta silenciosa, como um olhar, um tremor de orelhas ou um pequeno rosnar. Com o passar dos anos, vendo apenas vultos na terra e fracos brilhos no céu, percebeu assustado que, conforme a luz para ele ia se apagando, os dois criavam uma incrível comunicação telepática. Os comandos não eram mais necessários, pois o cão-guia compreendia os pensamentos do homem e este também lia com facilidade a mente do outro. Constatou que aquele animal possuía linguagem mental sofisticada, conhecia nossa galáxia como a palma de sua pata e divertia-se com visão crítica e bom humor. Era até capaz de discutir conceitos complexos de física subatômica acrescentando as próprias deduções.

Com medo de estar alucinando, o astrônomo procurou um psiquiatra sem, no entanto, revelar o real motivo. Depois de vários exames, saiu do consultório convicto de que estava em perfeitas condições mentais. Foi quando me contactou pedindo ajuda para testar a veracidade do que vinha acontecendo em sua vida. Precisava de outro observador. Sendo eu também astrônomo, exijo igualmente rigor científico e comprovação das hipóteses. Havíamos trabalhado juntos por muitos anos no Observatório Nacional e nunca presenciei algo que pudesse desabonar seu comportamento ou a seriedade do seu trabalho. Portanto, me dispus a auxiliá-lo.

Assim, testemunhei o fenômeno de todas as maneiras possíveis, mas fracassei na tentativa de desenvolver pessoalmente diálogos telepáticos com o cão. Foi quando percebemos que me faltavam as capacidades aguçadas dos outros sentidos, algo que a cegueira proporcionara ao meu amigo. Apesar disso, agradei aos céus o privilégio de ter participado daquela pesquisa e tive, de imediato, o impulso de publicar nossos resultados. Ele, porém, me pediu que guardasse segredo, dizendo que já lhe bastava ter se tornado um cego que andava pela noite falando com seu cachorro fosforescente e não gostaria de vir a ser apontado como o cientista maluco da cidade. Eu fazia anotações e gravações, deixando-lhe sempre uma cópia antes de retornar à Capital e ao meu trabalho no Observatório. Combinamos manter tudo em total segurança.

Aquela criatura fascinante aparecera em sua vida num momento trágico e, no entanto, lhe mostrava possibilidades nunca imaginadas, tanto no campo da física quanto da astronomia e da plasticidade cerebral.

Após alguns meses, as manchetes dos jornais de todo o país alardearam a notícia de que várias pessoas daquela cidadezinha afirmavam ter avistado luzes inexplicáveis e rastros de uma nave espacial que teria aterrissado num terreno baldio. Para lá se dirigiram estudiosos do assunto, que não chegaram a nenhuma conclusão e, em poucas semanas, a história caiu no esquecimento. Entretanto, no dia em que foi publicada a primeira reportagem, eu procurei o astrônomo para verificarmos se haveria algo comprovável por trás daqueles depoimentos. Não o encontrei e nem soube do cão.

Eu tinha a chave do apartamento dos inseparáveis companheiros e nele entrei sob o pretexto de pegar alguns arquivos de astronomia que pudessem ter sido deixados para trás. Tentei, assim, recuperar os registros daquelas pesquisas a fim de que não caíssem em mãos oportunistas. Sem sucesso. Para onde quer que meu saudoso amigo e seu Starlight tenham ido, certamente levaram o material que havíamos compilado. Após as buscas de praxe efetuadas por policiais e bombeiros, ambos foram dados como desaparecidos.

Por isso, passo as madrugadas buscando sinais no firmamento. Só eu poderia relacionar o desaparecimento dos dois à tal nave espacial, por ser a única pessoa a conhecer as dimensões que esse caso encerra. Talvez eu conseguisse satisfazer a curiosidade popular e, ademais, contribuir com a ciência, contudo, algo muito forte me impede de compartilhar as evidências impressionantes que alcançamos. Não sei se é o nosso pacto de sigilo ou o receio de ser considerado louco, ou de perder meu emprego e, com ele, o respeito da comunidade científica. Só tenho a certeza de que levarei para o além-túmulo os resultados das nossas descobertas.

Por fim, confesso aqui minha culpa e meu tormento por saber o quanto poderíamos ter contribuído com os ufologistas, que ainda engatinham atrás dos arqueólogos, na procura, nas pedras e em antigos relatos místicos, por possíveis pistas de contato com extraterrestres em épocas remotas.

— **C**

Murilo Melo Christino

Jaguarari - Bahia

SÓ SEI QUE A TELA SABE

Eu acordei numa geração translúcida. Dormi um tempo e, quando percebi, havia *chats* escrevendo livros e determinando emoções. Foram poucas horinhas de sono; eu deitei depois do almoço para tirar uma sesta e, quando dei por mim, era isso. As telas sabiam de tudo, toda hora, todo dia. Pensei no meu país, lembrei de todos os homens e mulheres que lutaram pelos direitos que temos hoje e me angustiei ao pensar que estar num livro pode não mais significar eternizar-se historicamente.

A robozinha agora acorda a gente, com voz e tudo. O celular não só liga, como diz onde está, ilumina, faz vibrar. Eu acordei foi num pesadelo, num mundo distópico. Onde olhos não veem mais olhos, veem olhos nas telas, aulas nas telas, lábios nas telas. Vozes estavam sendo recriadas, perfis humanoides adotados como padrões. É como se a cultura tivesse sucumbido à marginalidade da tecnologia.

Os livros já eram vistos como ultrapassados perto daquelas luzes traiçoeiras que atraíam nossos neurônios ao fundo. Ao fundo do poço, isso sim! Os livros agora eram “cringe”, pode isso? Eu me vi nostálgico e melancólico. Pois ainda sou um leitor à moda antiga. E agora? Como faço se gosto do contato com as folhas impressas e do cheiro das páginas? O que será das artes feitas nos marcadores de página? Serei eu o último adorador de leituras ensolaradas? O irreverente e ultrapassado leitor “cringe” de artefatos históricos fossilizados chamados “livros”?

A minha história de vida está fincada nos momentos em que tive a minha criatividade cutucada por texturas que iam além de uma tela de celular, de computador ou de tablet... Meus sentidos foram treina-

dos por páginas amareladas que abordavam cheiros, cores, sabores, lonjuras...

Sabe de uma coisa? Quanto mais eu vejo – telas, vozes artificiais e robôs –, mais eu amo meu sangue, real e vermelhinho. Eu não vou ceder a essas evoluções involutivas. A essa cultura de *pixels*, impressões vazias e frieza tecnológica. Essa tela jamais saberá como o humano, infinito e inacabado, deverá se comportar. Ela só existe graças a neurônios reais, não nos dirá o que fazer. Pronto! Decidi, não irei ceder.

É fato que fiquei muito reflexivo desde que acordei para tudo o que estava acontecendo. Essa novíssima realidade, em poucos minutos de consciência, já me gerou inúmeras crises existenciais. Tipo, será que se eu não tivesse dormido, se eu tivesse lutado, seria diferente?

Decidido e blindado aos seus encantos, resolvi confrontar a tela: “Tela, me diga, até quando existirão humanos? Até quando existirão humanos em livros? Até quando livros serão livros, e lidos?”. E a danada me respondeu evasivamente. De um jeito divertido, foi engraçado, não vou mentir. Eu senti que poderia aprender com ela, talvez agregar a tudo aquilo que os livros me ensinaram. Era uma dose complementar de conhecimento, não faria mal, afinal, eu estava atento às suas artimanhas. Continuei: “Tela, como você imagina o futuro sem livros e páginas? Aliás, como você imagina o futuro?”. Agora veja só, eu perguntando como a tela “imagina”.

Acho que fui corrompido. E agora o que eu faço?

Espera aí, deixa eu perguntar: “Tela, o que você acha que eu devo fazer?”.

— **C**

Abrão Brito Lacerda
Timóteo – Minas Gerais

O LUTO DO LUTHIER

O violão antigo apresentou problemas.

Uma leve distorção dos bordões, semelhante a um trastejamento. “Nada difícil de reparar”, pensou. Bastava fixar aquela peça que serve de suporte às cordas, tecnicamente chamada de cavalete. Tomou um tubo de cola e uma lixa e dedicou-se ao trabalho durante uma tarde inteira. Muita paciência para... nada!

Ao primeiro *rock'n'roll*, o cavalete saiu voando sobre o tampo, desafiando suas pretensões amadorísticas. E foi assim que teve de recorrer aos serviços de Zanetti, no Bairro Primavera, na Rua do Traíra's, perto da Igreja do Evangelho Quadrangular.

O ateliê ficava no fundo de uma casa baixa, cujo telhado desmontava por trás de um muro pré-fabricado. A entrada era por uma robusta porta de aço.

Era um local simples, embora espaçoso e arejado. Carcaças de violões, violas e violinos recolhiam poeira nos cabides. Pelo chão havia raspas de madeira, fios, circuitos e estojos estropiados. Sobre uma bancada, formas de diferentes tamanhos, serras e limas. Completava a composição um equipamento de som bastante usado, encostado em um canto.

Atravessaram a tralha como se estivessem dentro de uma gravura de Dürer, com o compasso, a plaina e as chaves, mas sem o cão e o cupido alado. O mestre *luthier* sacou da capa o violão e o deitou sobre o balcão de madeira forrada. Em seguida o examinou, como se fosse um soldado ferido em uma maca de campanha. Colocou a mão sobre o paciente para dissecar os diferentes órgãos (cravelhas, braço, tampo), sempre emitindo um *hum-hum* gutural e tecendo considerações cirúrgicas:

— Violão é como vinho. Se você tiver a sorte de encontrar um que seja “realmente” bom, ele ficará melhor com o tempo. Mas...

— Mas...

— Se ele for uma porcaria, com o passar do tempo será apenas uma porcaria velha.

Isso aumentou as dúvidas do cliente, que tinha hesitado muito antes de sair de casa:

— Você acha que “este” vale a pena?

Sendo seu único instrumento, ao qual devia o pouco que sabia, tinha afeto por ele, embora admitisse que, de início, tivesse pensado em trocá-lo por um modelo novo.

Zanetti obtemperou:

— Se você veio até aqui, é porque quer zelar por seu violão. Fez muito bem, um instrumento é como um animal de estimação, de vez em quando precisa dos cuidados de um veterinário.

E proferiu o diagnóstico:

— Veja aqui, este arco — passou a mão entre a boca e o rastilho.

— O cavalete se soltou porque o tampo não resistiu à tração. Vai ser preciso reforçar a caixa por dentro. Terei de abrir. Sinto muito, sempre perde um pouco da originalidade, mas o trabalho é feito na parte de trás, não dá para notar.

— Tem como reparar os desgastes do braço?

Zanetti examinou cuidadosamente as casas, cuja madeira tinha sido sulcada pela pressão dos dedos ao longo do tempo.

— Tudo pode ser reformado, mas o cliente precisa analisar a relação custo- benefício. Essas voçorocas são um sinal de que o tocador põe muita força na mão esquerda. Violão não é serrote...

— Eu sei, eu sei, mas o que fazer quando a gente aprende as coisas depois de velho?

Zanetti prosseguiu:

— Essas tarraxas estão enferrujadas, chegam a ranger ao serem giradas, ouça! Não dão boa afinação.

— Você acha que...?

— Aconselho trocá-las.

- E tem estes lascos no tampo...
- Provocado pelas pontas das unhas...
- Que tocam a madeira...
- Estragam o verniz...
- E produzem um *rac-rac*...
- Semelhante a um *washboard*.
- Não foi minha intenção...
- É a mão pesada, como disse...
- Algo mais?

Zanetti fez elogios ao instrumento — É um Di Giorgio Classic de série, com dois detalhes importantes: o tampo é de cedro canadense, o que garante um timbre claro, com *sustain*; e esta escala de pau ferro é quase tão boa quanto a de jacarandá. Onde o comprou?

— Este violão é uma espécie de herança de família. Foi meu sogro quem o comprou.

— Ele era músico?

— Sim, mas tocava clarinete. Disse-me que o violão foi comprado para o filho mais velho, mas, como esse não quis aprender a tocar, o violão acabou passando para o segundo filho, que também não teve interesse. E assim sucessivamente, de filho em filho, até chegar à caçula, que é minha esposa.

— Então você foi o primeiro?

— Duvido muito. Com a idade que tem, deve ter passado por muitas mãos infieis.

— Enfim, vai ser preciso abrir o tampo e refazer o acabamento, depois envernizar...

— Ok.

— Mais um detalhe: violões industriais vêm com alguns itens para baixar custo. É o caso do rastilho e da pestana. Aconselho trocar por peças de osso, que dão um som mais fiel.

— Algo mais?

— Cavalete, braço... sim, um escudo, para tapar os estragos das unhas, aqui, na parte de baixo, e as tarraxas devem ser importadas...

— As nacionais não são boas?

— Não dão fixação perfeita e, com o tempo, enferrujam. As boas tarraxas são para o resto da vida.

— Do tocador ou do violão?

— De ambos.

Preocupado com a fatura, o cliente perguntou:

— E quanto vai ficar?

— Eu te falei das cordas? De nada vale um violão perfeito se as cordas estão velhas.

— Recomendo...

— Cordas importadas!

— Não, as nacionais são muito boas. Encordoamento clássico, tensão média, respondem muito bem, tanto ao solo quanto à levada.

O preço final do reparo era o de um violão novo, mas na cabeça do cliente ressoavam as palavras de Zanetti. E se fosse um daqueles violões que ficam melhores com o tempo? Ou, talvez tenha sido a súbita nostalgia da juventude, como veio a confessar mais tarde. Tinha uma paixão sublimada, que o tempo não tinha conseguido apagar. Aquele instrumento de passado errático parecia-se um pouco com ele. Ambos envelheciam, mas sem perder a essência. Dar o ar da graça quando a vida se aproximava do declínio inelutável seria uma bela virada do destino. Destarte, fechou o negócio e voltou para casa, confiante em uma segunda existência.

O prazo de duas semanas se passou, sem que Zanetti desse notícias. Quando ligou, ficou sabendo que a esposa do *luthier* havia falecido recentemente, em um acidente de automóvel no Espírito Santo.

Mais duas semanas e recebeu o recado:

— Sua peça está pronta.

Em seu segundo encontro com o *luthier*, este estava triste e introspectivo, como era de se esperar. Mas sem queixas e melodramas, apenas uma vaga melancolia nas pregas dos olhos, algumas rugas precoces e, no mais, os mesmos gestos pausados e a mesma voz mansa com inflexões nos adjetivos.

O ateliê, no entanto, estava completamente mudado.

Os instrumentos velhos tinham desaparecido, adeus poeira e ras-

pas de madeira; os utensílios de trabalho encontravam-se reunidos sobre a bancada ou criteriosamente pendurados nos cabides. A serra estava coberta por uma capa de lona, o chão tinha sido varrido, não havia sinais de fios soltos e sucatas eletrônicas. Dir-se-ia que Zanetti estava prestes a se mudar, e foi justamente isso o que ele confessou:

— Minha esposa tinha herdado uma pequena propriedade no Espírito Santo, e o sonho dela era voltar para lá. Agora que ela se foi, decidi realizar seu desejo, ainda que postumamente. Vou reformar a casinha do sítio do jeito que ela queria.

— Você pretende abandonar a profissão?

— Trabalho como *luthier* há 35 anos, não sei fazer outra coisa, mas acho que chegou a hora de aprender.

— Em todo lugar há uma viola precisando de reparos — observou o cliente.

— Por isso mesmo não vou levar minhas ferramentas. Não quero correr o risco de ter uma recaída.

— E quanto ao meu violão?

Zanetti estendeu as mãos sob o balcão, pegou o Di Giorgio Classic com tampo de cedro canadense e escala de pau ferro e o colocou sobre a superfície acolchoada.

— Espero que tenha ficado do seu agrado. Foi o último trabalho que aceitei.

O cliente levantou o instrumento para avaliá-lo melhor. O mosaico tinha sido cuidadosamente restaurado. “Muito bom! Muito bom!”, pensou. O novo escudo preto metálico dava nobreza e elegância à caixa; o cavalete, vítima de suas aventuras de bricolador, estava corretamente fixado, sem sobras ou marcas de cola; o tampo estava perfeitamente nivelado, mesmo observado de diferentes ângulos não revelou a menor ondulação; os sulcos do braço tinham sido preenchidos e as casas restauradas à perfeição; as usuras das bordas e da cabeça não eram mais do que discretíssimas cicatrizes em um corpo saudável; enfim, as novas cravelhas douradas coroavam o conjunto, combinando muito bem com o detalhe nada supérfluo dos bordões cor de cobre. Ao ser tocado, produziu um som puro e potente, como

um mudo que tivesse recuperado de repente a voz.

Aquele instrumento estropiado que ele quase tinha jogado fora agora revelava uma dignidade que impunha respeito.

— Não o conheci quando novo — disse, após alguns minutos de silêncio. — Mas não tenho dúvida de que está muito melhor do que antes.

— Espero que seja muito feliz com seu instrumento.

O cliente sentiu-se envergonhado ao meter o violão dentro da velha capa de corino. Como o *luthier*, ele aspirava agora a um novo começo. Mais do que pagamento, deixou sua gratidão, antes de ouvir o rangido do portão de metal se abrindo. Ganhou a rua, viu um moço zanzando bestamente em uma bicicleta ladeira acima e, as três pequenas sirigaitas que tinham zombado dele. A vizinha de frente espiava através da fresta da cortina e a porta de enrolar se fechava na Rua do Traíra's, no Bairro Primavera, perto da Igreja do Evangelho Quadrangular.

Zanetti ia partir rumo à aventura, ele também tinha de mudar. Deveria comprar um invólucro à altura do violão, um desses estojos com forro de veludo vermelho. Tomar aulas também, começar a fazer música de verdade. Quem sabe aulas de canto, dar alma às suas canções, até então compostas em segredo.

O som oculto na sequência de 19 casas e seis cordas, como um livro escrito em linguagem codificada, precisava ser decifrado.

— **C**

Luis Sérgio Bogo
Blumenau – Santa Catarina

A CASA - HISTÓRIA DE UMA PRIMAVERA TARDIA

Desde a primeira vez em que avistou aquela casa, sentiu-se atraído por ela. Não era um palácio. Era apenas uma modesta construção, de paredes brancas, largas janelas e uma varanda adornada por canteiros de sempre-vivas e outras flores do campo.

Chamava a atenção por estar sempre bem cuidada e limpa, parecendo flutuar sobre o tapete de relva que a cercava. De seu interior pouco podia dizer, pois as cortinas impediam olhares bisbilhoteiros. Mas era evidente ser habitada por alguém do sexo feminino, pois a cor e a textura dos cortinados denunciavam delicada sensibilidade.

Ocasionalmente, ele percebia sons de música rompendo o ar suavemente, como se as notas musicais viessem valsando no espaço compreendido entre a janela e a calçada. Certa vez, teve a impressão de ouvir o latido de um cão de pequeno porte, de uma daquelas raças que se criam bem entre sofás e almofadas. Mas foi uma sensação única e fugaz.

Assim, tudo naquele entorno remetia à ideia de um ambiente harmônico, no qual tanto os seres vivos quanto os inanimados se moviam ou eram movimentados apenas quando necessários para alguma função. E mesmo as folhas dos ipês amarelos que cresciam, um à esquerda, e outro, à direita, pareciam balançar sob a batuta de invisível e comedido maestro.

Certa manhã, quando seu olhar outra vez navegava feito sonda em direção às cortinas – à procura de um vulto ou até mesmo de um rosto –, notou um elemento novo na paisagem: no meio do caminho, surgira um círculo de pedras lisas e arredondadas, em cujo centro

fora plantado um arbusto ainda muito pequeno, de casca grossa, esverdeada e ferozmente protegida por espinhos.

O advento de um cacto jamais deveria se tornar fato relevante na vida de um cidadão qualquer. Porém, ele sentia cada um daqueles minúsculos espinhos como cirúrgicas agulhas lhe estimulavam sua curiosidade. Precisava saber que mãos invisíveis haviam cavado e adubado a terra, depositado a plantinha no solo e ornado o seu entorno com seixos retirados do fundo de um ribeirão, posto que seus olhos jamais observaram jardineiro, paisagista ou qualquer outro ser pisando naquele lugar.

Não havia sequer um muro separando o quintal da calçada. Mesmo assim, lhe era inconcebível a ideia de invadir o gramado, atravessar a varanda e bater à porta. Não haveria um motivo plausível que justificasse tal atitude, a não ser sua gratuita e crescente curiosidade.

Então, passou a modificar sua rotina, alterar sua agenda, alternar os horários de seus passeios e caminhadas, na esperança de que, em algum momento da manhã, da tarde ou da noite, surgisse alguém naquele quintal. Sabia que sua investigação poderia se revelar infrutífera; afinal, cactos carecem de pouca água e nenhum cuidado, pois são resistentes e crescem ao livre arbítrio e aos caprichos da natureza e de suas vontades inescrutáveis.

Com o passar dos dias, das semanas, das estações, convencia-se de que seu único propósito na vida seria descobrir o mistério guardado naquela casa, protegida pela sombra dos ipês que a ladeavam, e por um intrigante cacto que se tornava cada vez mais alto, robusto e espinhoso.

Embora seus pés não se cansassem de pisar nas pedras daquela calçada, seu olhar já se dirigia à casa desesperançado de encontrar qualquer movimento que não fosse o leve ondular das cortinas e o balé das folhas e das flores de ipê. Outro fato a lhe intrigar eram as paredes sempre brancas, as janelas sempre limpas, a grama sempre aparada.

Até que, certa noite, após voltar do trabalho, e mais uma vez contemplar a casa, seu cacto, seu gramado e seus ipês, sentou-se na confortável poltrona de couro que mantinha em sua sala, observando

lombadas de romances já lidos e relidos, além de outras obras que nunca teve disposição de folhear. Cansado, sorvia lentamente o calmante avermelhado que lhe receitai para adormecer e ter bons sonhos.

De repente, com as pálpebras já relaxadas, ouviu repetidas vezes o mesmo sussurro: “Quando o cacto florescer, traga a flor até mim... quando o cacto florescer, traga a flor até mim... quando o cacto florescer... traga a flor até mim... traga a flor até mim... traga a flor até mim... traga a flor... traga a flor... a flor... até mim”.

Depois, a noite pareceu-lhe eterna.

Tão logo amanheceu, partiu em direção à calçada de onde podia observar sua obsessão e seu sonho. A planta pareceu-lhe mais alta do que nunca, e ainda não se avistava nem sinal de flor. Nos momentos livres, aprofundava-se nos estudos de botânica, até descobrir que algumas espécies levam décadas até a florescência.

Também aprendeu que apenas algumas gotículas de água, vez por outra, além de sol, muito sol, eram suficientes para que a planta permanecesse saudável. E, assim, passou a amaldiçoar os dias nublados e chuvosos.

Dias e noites se sucediam e o caule espinhoso não se dividia em galhadas, apenas subia em direção às nuvens, parecendo estar convicto de que sua tarefa era furar o céu, tal e qual o pé de feijão da história infantil.

Volta e meia questionava-se a respeito da própria sanidade mental, mas convencencia-se de que não estava louco; mas, apenas e tão somente, empenhado em descobrir um lindo e relevante mistério.

Enfim, ao amanhecer de uma sexta-feira, já munido do poderoso binóculo que comprara dias antes, percebeu que uma pétala de vermelho bem vivo, encarnado, apontava na extremidade da planta.

Partiu de volta para casa, não sem antes cancelar todos os seus compromissos; e logo começou a organizar as ferramentas e cordas que julgava necessárias para realizar a aventura de colher a única flor nascida do cacto mais alto do planeta.

Confabulava consigo mesmo: “sábado é um ótimo dia para se iniciar uma escalada...”, sabendo, no seu íntimo, que menos importava a colheita em si, mas sim a oferta do resultado da mesma ao seu objeto de culto e desejo: até aquele momento, uma mulher sem voz e sem face.

Tinha um olho na mochila e outro em suas anotações sobre os cactos raros e suas flores raríssimas. Chegou à conclusão de que subiria pelo caule de um *cactus grandiflorus*, cuja flor é chamada flor da noite, rainha da noite, flor do baile, flor cheirosa ou flor do diabo! – Sim, flor do diabo. Mas, se via tão empolgado que, mesmo esta última denominação não lhe atormentava a alma, pois tinha a certeza de que tal diabo não teria qualquer ingerência na sua busca.

Suas observações ainda lhe mostraram que, até determinada altura, os espinhos eram tão grandes e robustos que poderiam servir como degraus ou barras de apoio. Da metade do caule em diante é que ele precisaria adotar outra tática de subida. Sabia, também, que a mochila deveria estar bem leve para que a sua missão se concluísse em poucas horas ou dias.

Assim, quando os primeiros raios da manhã de sábado surgiram no horizonte, ele pisou naquele gramado pela primeira vez. Não levava muito peso na mochila, só o coração é que ia carregado de expectativas. Ao chegar na calçada não chamou por ninguém, pois sabia que a porta ainda estava fechada e só seria aberta com a flor. E, para alcançá-la, ele já tinha a anuência que lhe fora dada em sonho.

Fez um pedido, uma espécie de súplica, sem saber exatamente a quem, pois se a fé que tudo move e remove pode ser do tamanho de um grão de mostarda, ele a revelava naquele pedido caótico que lhe pareceu ser uma oração dirigida a destinatário desconhecido. Também se lembrou de iniciar a subida com o pé direito, pois queria agradecer a todos os deuses, desde Aquele que tudo vê até o mais dormemente deles.

Em seguida, destampou o vidrinho de antivertiginoso que adquiriu por precaução e se pôs a subir.

Vestido como um alpinista sentiu seu coração bater acelerado quando pisou no primeiro “degrau-espinho” (que pareceu não sen-

tir seu peso). Foi subindo devagar, e quando já estava a cerca de 30 metros do solo, olhou para baixo, desconfiado de que haveria uma multidão de curiosos observando a inusitada escalada de um cacto. Ao contrário do que pensara, não havia ninguém interessado na sua aventura. Era como se ele e o cacto não existissem.

Depois de olhar para o chão, tomou mais um comprimido do antivertiginoso e decidiu que não mais dobraria seu pescoço para baixo. Seu objetivo era a flor, e ela estava muito acima de sua cabeça. Desta forma, foi repetindo os movimentos que aprendera em um curso de escalada *indoor* que comprara pelo correio.

E foi subindo, subindo, subindo, enquanto o caule ia se afilando e ele se via ultrapassando as nuvens feito um querubim desvairado. Os espinhos, que no início representavam úteis amigos e lhe ajudavam a subir, tornavam-se traiçoeiros, lhe arranhando a barriga, coxas e peito. Mas não sentia sono, frio, fome ou cansaço.

Continuou a elevar-se feito um Ícaro sem asas. E, depois de bem mais do que 1001 noites e dias, começou a sentir o perfume da flor. E percebeu que era bom. Aquele aroma lhe animou a acelerar o ritmo, pois ainda a via pequenina, embora já tivesse a aparência de uma guirlanda.

Enfim a encontrou. Sacou uma faca com cabo de madrepérola, que guardara apenas para esta colheita. A flor já estava exuberante e ele a retirou com extremo cuidado. A seguir, pousou a faca em uma nuvem mais espessa e começou a descer, sem mais sentir a pele lanhada durante a subida.

Mesmo sem afobar-se e com o coração muito tranquilo, percebeu que a descida transcorria num ritmo mais veloz do que previra. Ele sentia estar descendo como a neblina, que vai do céu ao chão sem demandar esforço. O importante é que a flor estava com ele, e parecia estar satisfeita por ter sido retirada de seu espinhento caule.

Ao pisar na terra novamente, percebeu que a rua havia mudado. Os carros tinham outros desenhos, as roupas dos transeuntes eram diferentes de quando ele iniciara a subida. Apenas a misteriosa casa branca continuava igual a antes, com suas paredes brancas, a cortina

imaculadamente limpa, a grama bem aparada, e até os ipês pareciam ter as mesmas folhas de quando ele partira. Imaginou que aquela casa mágica fosse um pedaço de Shangri-La esquecido no meio da cidade.

Tomando coragem, retirou a flor da mochila e colocou os pés na varanda pela primeira vez. A porta se abriu e uma moça, esboçando discreto sorriso, que revelou dentes brancos como a neve, observou com seus olhos esverdeados a expressão de incrédula satisfação que ele trazia no rosto.

Com a voz em tom delicado, mas decidido, disse-lhe: “Pode entrar”. E fez sinal para que ele se sentasse na poltrona mais confortável. Não falou seu nome, nem perguntou o dele. Olhou para a flor que ele trazia e pediu que a entregasse, dizendo: “Esta flor é excelente. É indicada para fraqueza do coração. Na verdade, é indicada para qualquer problema coronariano. Vou fazer-lhe um chá!”

Em seguida, dirigiu-se para a cozinha, verificando antes se a porta da sala estava mesmo trancada. Diz a lenda que aquela porta nunca mais se abriu, mas quem passa pela calçada vê sempre a mesma paisagem: paredes brancas, ipês floridos, grama aparada, cortinas de tecido esvoaçante e uma aura de paz e amor infinitos.



Marcos Almir Almeida de Souza

Manaus - Amazonas

EXTRAVASANTE

A tranquilidade matinal daquele dia aparentava ser indiferente aos sonolentos passageiros; o dramaturgo céu buscava entretenimento para a espectadora Lua; prenúncio de chuva, toró e de uma força atmosférica própria para arrancar telhados de casebres, desprender roupas de varais e pôr abaixo quaisquer improvisações.

Bastou um pingo grosso de chuva salpicar na testa de uma idosa para que um efeito dominó de janelas se fechando resguardasse os passageiros de um inevitável incômodo. Eu mesmo fechei as janelas próximas a mim. Por sorte, nenhuma delas emperrou, pondo em contestação a minha virilidade masculina. O ônibus tornou-se seguro e impenetrável: vencemos a água. Uma pena termos vencido, também, o oxigênio.

Ligeiramente os corpos se esquentaram. A testa da idosa, antes molhada pela gota da chuva, agora padecia nos deslizos dos suores. Soma-se a isso o trânsito caótico e típico oriundo das chuvas torrenciais na centopeia urbana de Manaus, agravando o que, corriqueiramente, já é embaraçoso e estressante.

O picolezeiro nem deve ter se levantado da cama com um tempo assim; minto, lá estava ele, apesar de que não mais para vender picolé, mas, sim, para comercializar guarda-chuvas ou mercadorias convenientes ao pé-d'água. Aqui é assim: no inferno, se vende promessas, e, no céu, divertimentos; negociadores não faltam.

Pois bem. Entre as poucas pessoas em pé no ônibus inerte, uma figura se destacava pelos resmungos raivosos contidos, muxoxos e pelas sacudidas negativas e inconformadas da cabeça. Era um homem de meia-idade, com reentrâncias nos cabelos grisalhos e um incessante morder de língua.

A dois metros de distância, escutei dele um desabafo reprimido e, posteriormente, um olhar interrogativo em minha direção.

— Cidadezinha... — repetiu, creio que a idêntica palavra de outrora.

— Complicado, né?! — exclamei, mais por socialização constrangida, ainda que soubesse o quão agradável uma conversa poderia ser para acelerar os ponteiros do relógio e o engarrafamento.

— Pelo visto eu nasci foi pra viver em rio, igual peixe. Cidade e asfalto, nem com nojo.

— O senhor é do interior?

— Sou de Itacoatiara. Era. Era, mas tô de mudança. Agora vou morar lá pras bandas de Santarém, no Lago Grande do Curuai. No Pará, vê só.

— Legal...

— Não.

— Não é legal, lá?

Silêncio.

— Pode até ser que sim, mas tive de ir a contragosto. Agouro de briga de família. Causa disso que num me alegro.

— Seus filhos te obrigaram? — tateei em curiosidade, sem querer me intrometer.

— Tenho filho não. É longa história.

— É, a vida... — complementei presumindo qual mistério trazia decepção àquela face.

Silêncio, novamente.

— Nem isso, foi mais desonestidade de irmãos mesmo. Bagunça da grande. Tenho oito, vivos. Meu pai, que Deus guarde e tenha, morreu e deixou uns longos pedaços de terra pros filhos, nós oito. Mãezinha, que Deus guarde e tenha também, morreu antes. Viveiram e morreram pela terra, cuidando, arando, plantando e colhendo... pra no final ficar tudo praquelas carniças. Nem respeito pelo pai eles tiveram. Depois da última pá de terra no enterro, eles, sem custa nem espera, arranjaram um desenho pra dividir o que o pai lutou tanto pra conseguir. Fui o único dos irmãos a não ir pro fune-

ral. Não foi por maldade ou desconsideração pelo papai, longe disso, só não fui avisado a tempo. Fora a dificuldade de largar o trabalho aqui e me mandar pra lá. Mas pelo menos na missa do sétimo dia eu tava presente. Lá que fiquei sabendo da presepada: dividiram as terras e os mais novos iam ficar com as melhores porções... Já pensou numa loucura dessas?! Dizendo eles que iriam cuidar por mais tempo. Como querendo dizer que os mais velhos morreriam logo, logo. Conversa fiada! Eu, velho como se nota...

— Imagina, tá inteirão, pô.

— Pra eles, o contrário: quase um cadáver apodrecido. Acabei ficando com a pior porção, por ser o mais velho deles vivo. Perto da beira do rio...

— Pelo menos a paisagem de lá deve ser bacana.

— E a Cobra Grande? Beira do rio pode ser lugar pra plantio, mas também lugar de perda grande de terra. Vareia. Banheiro leva tudo embora.

— Eita...

— É! A terra sendo comida pelo rio, pense só. O terreno da família pega da margem do rio pro interior da mata de terra firme, e termina num furo de água bem escurinha. Até um tempo desses me lembrava de quantos hectares tinham. O estresse me faz esquecer as coisas. Sei que pouca coisa num é.

— Caraca...

— Várzea na seca dá muita terra boa pra plantio, por Deus, mas e quando o mesmo rio que dá pra uns, tira pra outros? O terreno vai pra onde?! O rio leva até gente nas correntezas dele, quem dirá terra, que nem braço tem.

— Então, a cada dia que passa o senhor perde um pouco mais da parte do terreno?

— Perdia! Aí que me causa o pior tipo de aborrecimento: o de família. Voltei pra Manaus depois da missa, tinha que ir trabalhar. Mas prometi aos irmãos que ia voltar pra resolver aquela bagunça. Não se respeita mais homem de idade?! O mais velho de todos eles... “Aqui é homem igual era papai”, saí dizendo e prometendo voltar pra

organizar direito aquilo. Um mês depois eu tava lá. Terra mesmo eu não tinha mais, não. Bando de miserável. Na divisão, eles separam uma parte que já tinha sido levada pelo rio faz anos. Isso por eu morar em Manaus e não perto de Itacoatiara como todos eles. Nesse dia, tive que voltar pra cá se não teria infartado por lá.

— O rio levou todo o terreno?

— Já tinha levado, como eu disse. Sobrou ainda um terreninho mixuruca, deixei pra lá, vou já mesmo bater cabeça. Dá nem pra levantar uma casinha de cachorro ou um galinheiro. Eles ainda vieram com papo de que um toró tinha arrancado um pedaço maceta da minha parte. Ele, o pedaço, foi descendo o rio, “como um flutuante”, disseram. De pouquinho em pouquinho, rachando a terra e se despregando da beira. Diz que igual aquelas bolhas na borda da xícara de café depois de a gente virar gole. Um sobrinho jura por tudo que é mais sagrado que quase era arrastado pelo rio, pois tava bem em cima da terra flutuante quando o temporal caiu; voltou nadando afoito pra beira, temendo a trovoadas.

— Mas, o pedaço não devia ter afundado ou se separado?

— É, mas rio violento, quem duvida?

— Não manjo de rio. Talvez tenha afundado depois e se desfeito na água, não?

— Não. Pra mim a desgraça só não foi tanta, porque dias depois uns pescadores viram a terra esbarrando numa comunidade de bem poucas pessoas, num praial desse lago que te falei. De boca em boca, o acontecido subiu o rio e, por pena ou arrependimento cristão, medo d’eu descobrir do milagre por cochicho dos outros, os malditos dos irmãos decidiram me contar. Tá agora num lugar de várzea que sempre recebe terra vinda de cima. Só tá faltando eu ir lá negociar com o pessoal da comunidade, pra acertar o tamanho da minha parte. Nessa os meus irmãos se lascaram. Gente maldita!

— É inacreditável isso.

— São uns malditos... Perdoo não o que me fizeram. Tô em Manaus mais pra conseguir ajuntar uma grana pra passagem e pra comprar o que for de necessidade. Nunca mais quero saber de pegar um

trânsito desses, nem ter contato com os malditos. Vou é viver de plantio e pesca.

— Fiquei pensando aqui: como o senhor soube e comprovou pros outros que a terra era mesmo sua? Que tinha sido arrastada inteirinha pelo rio, sem afundar? Sabe, o pessoal gosta de inventar história... Além disso, deve ser uma distância muito grande pra Santarém; podia ter vindo de qualquer outro lugar mais perto.

— Podia mesmo...

— Pois é.

Silêncio.

— Mas não tinha erro. Porque naquela terra flutuante era onde tava o túmulo da mamãe e do papai, um junto do outro. Quem dirá que por isso a terra não se separou. Filhos malditos...

— Inacreditável!

— É... Pai e mamãe devem tá no céu com vergonha mortal dos filhos. No céu eles têm que tá... Céu limpo, de paraíso, não desse tipo aí.

— Daria uma bela reportagem essa história, um documentário inédito, coisa difícil de se acreditar de primeira, mas... Um filme, um livro... As pessoas precisam saber disso, cara. Pouca gente deve saber desse caso, né?

— É ruim, hein! Gente ingrata é o que mais se tem no mundo.

— **C**

Lúcio Rodrigues Júnior

Tatuí – São Paulo

RAM MÓVEIS

Tudo começou quando o discreto guarda-roupa colonial se apaixonou pela culta e rebelde estante de livros.

Ele, legítimo jacarandá, viúvo da distinta e refinada cristaleira, tinha desse casamento uma filha: mesa de jantar – donzela de certa idade, educada para servir discretamente. Entretanto, no final dos afazeres, depois de esvaziadas as taças de vinho, mesa de jantar entrava em devaneios nos quais ela se transformava na macia e aconchegante cama, protegida e amada por mesa de cabeceira.

Estante de livros não tinha linhagem nobre. Pertencia à geração *beat*, aglomerado de madeira revestida com padrão cerejeira. Ainda jovem, acolheu Platão, Marx, Sartre e Nietzsche com a mesma irreverência com que acolhera atlas geográficos, dicionários, literatura védica e revistas em quadrinhos. Já na maturidade, permitiu-se algumas veleidades, ostentando sem constrangimento um aparelho de TV e um DVD. Porém, num cantinho meio escondido, guardava com muito carinho discos antigos de Raul Seixas e Pink Floyd.

Teve um curto relacionamento afetivo com armário embutido – jovem robusto, um pouco vazio e secretamente apaixonado por uma elegante mala, também vazia. O namoro com o sofá também terminou na maciota. Estante de livros não era dada a compromissos duradouros.

Por essas e outras, o romance entre o nobre guarda-roupa e a descontraída estante de livros tornou-se objeto de comentários na cozinha. Geladeira e fogão, nas horas de folga, não falavam de outra coisa, para desgosto de máquina de lavar, que alimentava certa esperança de que as calças e camisas, devolvidas limpas e perfumadas,

demonstrassem ao guarda-roupa que ela tinha muito mais coisas em comum com ele, do que aquela lambisgoia metida à culta. Quase silenciosamente, máquina de lavar derramava lágrimas de espuma.

As irmãs gêmeas cadeiras de varanda também não economizavam fofocas. Diziam que guarda-roupa colonial era um velho rabugento com dobradiças enferrujadas. Riam das pretensões da doméstica máquina de lavar, mas também não apreciavam estante de livros, alegando que era maluca e pedante. Na verdade, não perdoavam o rompimento do romance da estante com o sofá, o confortável primo das gêmeas.

Aconteceu que o inusitado caso amoroso afetou quase todos: cadeiras trocaram de lugares, pia de cozinha entupiu e as camas-beli-che brigaram, indo uma para cada lado do quarto. Só a velha cadeira de descanso não se abalou, continuou se espreguiçando em seu canto, indiferente ao que acontecia à sua volta.

Para desgosto dos mais conservadores, o “disse me disse” aumentava dia após dia. Numa noite em que o ambiente ficou insuportável com os cochichos, piadinhas e risadas, berço de nenê acordou e desandou a chorar. Foi pretexto suficiente para que o neurastênico coronel armário de aço decretasse estado de exceção, a fim de restabelecer a ordem e a decência no recinto.

Estante de livros foi considerada subversiva, e seu comportamento, anarquista. Os discos escondidos serviam de provas para o veredicto do tribunal composto por freezer, micro-ondas e capacho de entrada.

Destituída de suas funções, foi condenada ao quarto de despejo; os livros e discos confiscados, vendidos para um sebo. Seu lugar foi ocupado por sistema modulado, moderno e sem história, dotado de mesa de computador e prateleiras para TV e DVD.

Desolado, guarda-roupa colonial pediu asilo em uma loja de móveis usados. Foi substituído por armário embutido, uma das testemunhas de acusação de estante de livros.

A tímida mesa de jantar passou a ter pesadelos recorrentes, nos quais ela vê a si mesma desmontada e queimada numa foguei-

ra de festa junina. Fogão e geladeira fizeram cara de paisagem e as gêmeas cadeiras de varanda, arrependidas, converteram-se à religião da moda.

Máquina de lavar centrifugou as lágrimas e aceitou namorar botijão de gás. Tão atarefada em suas obrigações domésticas, que não percebe que ele é trocado periodicamente. Berço de nenê dorme placidamente.

As noites agora são silenciosas. As conversas foram proibidas após o apagar das lâmpadas. Entretanto, aos sussurros, circulam boatos sobre a possível destituição do coronel armário de aço. Provavelmente entrará para a reforma em algum ferro-velho.

Também no silêncio da noite, eu, computador, gravei estas notas em minha memória.

—C

**Menção
Honrosa**

Francisco Azuri Soares Nojosa

Fortaleza - Ceará

PETRA KOINÉ

Ela estendeu a mão. Foi então que o mundo ousou gemer. Ele segurava a mochila com todos os seus segredos e labirintos mastigados lentamente. E, enquanto tudo corria enlouquecida e anodinamente em volta deles, seus olhos pararam num eterno milésimo do tempo. Já não havia mais nada além de suas solidões.

Os olhos vermelhos dela, emoldurados pela face macilenta, pareciam a ele belos, ainda que refletissem a desgraça inominável a que todos nós, irremediavelmente, estávamos condenados. Já os dele, cansados e um tanto inocentes, insistiam em espremer uma esperança impossível de milagres inadvertidos. Inadvertidos como a vida, os sonhos, e, claro, como o avassalador, implacável e excruciante amor. A moça, sentada sobre o papelão, ciceroneada por sacos de roupas sujas e lixo indecifrável. O rapaz, em pé na calçada ainda molhada pelo chuveiro fino do fim da tarde. Culpados, inocentes, jovens, únicos.

A mão dela continuava estendida. Os olhos dele permaneciam tristes.

— Me dá uma ajuda.

Ninguém podia entendê-los. As dezenas de transeuntes que lhes perpassavam sequer podiam imaginar ou mesmo perceber a tempestade que trovejava ali. Gemidos estertoravam de uma profundidade abissal. Era angustiante. Era inexorável. Era lindo, como eles dois. A menina da indigência. O garoto da solidão. Desconhecidos que compartilhavam medos indizíveis.

— Me dá uma ajuda... — ela repetiu.

Mas o que ele poderia dizer? Quais palavras seriam suficientes naquele momento? Ao mesmo tempo em que a mudez o sufocava, queria gritar, falar tantas coisas. Ele tinha medo. Temia o fracasso iminente, a intangibilidade da vida, as incertezas insuperáveis. Te-

mia sua própria fraqueza. Temia, sobretudo, a consciência dessa incapacidade.

— Como é o seu nome? — sem pensar, com o estômago, num ímpeto insano, ele ousou perguntar.

Fê-lo sem sentir. Estava anestesiado. Ela sorriu. Assim, simplesmente, como se o mundo pudesse ousar ser perfeito.

— Sofia...

A vida deglutiui a sabedoria de cada letra. Suspirou mais uma vez um recomeço. Ouviu uma cantiga há muito esquecida. Fitou os enlances ali enredados. Imaginou como seria se ainda fosse possível sonhar. E, finalmente, amou aqueles dois jovens.

— Eu sou o Pedro — ele precisou dizer, pois a sabedoria se sustentaria naquela pequena rocha.

A moça recolheu a mão. Pedro estendeu-lhe a alma. E, diante de uma imensurável multidão invisível, eles declararam amor. Absurdo, incompreensível, talvez impossível, como só o amor pode ser. E, por ser assim, essência da própria loucura, caótico, era perfeito. Ela tinha marcas de perfurações nas veias dos braços, ele não pode deixar de perceber.

— Tu parece tão triste. — Foi ela quem ousou.

— E quem não parece? — ele sorriu.

Naquele momento, o jovem casal selou sua aliança.

— Você quer comer alguma coisa? Posso te levar pra tomar um lanche ali na hamburgueria.

Ele nunca, nunca falava com estranhos. Porém, agora que tudo estava desnudado, não tinha mais medo. Foi como se, depois de lançar as redes ao mar, tivesse certeza de que elas voltariam cheias de peixes, repletas de novos começos. Pedro andou sobre as águas que tantas vezes antes o afogaram. Ela pegou o saco com os trapos e levantou-se. Olharam-se ainda por um pouco de tempo. Sofia, num ímpeto de abundância, segurou a mão do garoto. Ali, na indignência de uma calçada anônima, nascia mais uma vez o milagre da vida.

O céu, então, sangrou seu crepúsculo e fechou as cortinas. A noite nasceu e disse amém.

— **C**

Marina Barrichello Marone

São Paulo – São Paulo

POR UMA CABEÇA

“Por una cabeza. Todas las locuras”

(*Por una cabeza*, de Carlos Gardel)

A tietinga voa e repousa, suavemente, na estaca de madeira mo-fada do curral. O Sol brilha, e faz a pena longa da cauda luzir como um rabo de cometa. Adiante, cercado por um quadrado de arame farpado, Amargo pasta, lento, e sacode o rabo para espantar as moscas. Ruminando a grama, levanta a cabeça, sendo acertado por uma bala no meio do movimento.

A ave alça voo com o estrondo, e o boi tomba devagarinho para o lado, como uma peça de xadrez. O choque do corpo musculoso contra a terra batida levanta uma aura laranja no ar. O céu é azul, vívido como o sangue que escorre do pescoço de Amargo. O boi afoga-se no próprio líquido, e escancara a boca cheia de grama vermelha. A língua grossa e roxa pendura-se para fora, buscando ar.

Amargo! — grita o fazendeiro Jeremias, com um rifle nas mãos calosas. Escancarando o portão, corre para perto de sua única cabeça de gado. Os cílios longos de Amargo já não dançam e seu corpo não estrebucha. A poça vai crescendo, umedecendo a terra clara, e quanto maior fica o círculo, maior é a tristeza e o desespero de Jeremias.

Putá merda! — ele encosta a arma e ofega, com a garganta seca feito couro. De repente, percebe o vizinho, na propriedade adjacente. Jamião, sentado em um banquinho na varanda, escova um rifle, tirando a pólvora acumulada. Apesar do som do tiro, está tranquilo, ao lado de uma lata de óleo e um pano preto. Nem percebe quando Jeremias o encara com olhos salgados de ódio.

Jeremias Oliveira e Jamião Gominho nunca se deram bem. As famílias eram rivais desde o período da migração nordestina para São

Paulo, quando se assentaram no mesmo lote e começaram a brigar por causa da terra. Mas a mágoa do fazendeiro por Jamião não vem dos antepassados: vem de Cabritinha. Betinha, ou Cabritinha, era sua irmã gêmea.

Moça miúda e magrinha, tinha cabelo fino, um nariz vermelho e os dentes da frente separados. Andava trotando os pés cheios de feridas e, na infância, era companheira de Jeremias na caça de gabirus. Iam os dois, com pedaços de pau e uma goiaba aberta, para o fundo da granja, onde havia uma grande pedra chata. Depois de posicionar a fruta na pedra, escondiam-se e esperavam.

Formigas, moscas, besouros, lagartas e passarinhos passavam por ali até que, com alguma sorte, o bicho escolhido chegava. Aproximava-se, em passos ligeiros e parava, brusco, sondando o perigo. Nesse instante, os irmãos ficavam arrepiados, as palmas das mãos suando contra a madeira. Com mais confiança, o gabiru finalmente subia na pedra e enfiava a cabeça na polpa. Nisso, os gêmeos metiam cipoadas no animal, até os ossos quebrarem e a vida morrer. Finda a nojeira, iam mostrar a carcaça pros outros irmãos, cheios de orgulho, segurando o bicho pesado pelo rabo. Um dia, Cabritinha foi caçar, sozinha, no terreno dos Gominho.

A criança esperava, atenta, a sua presa, quando Jamião, na época com 17 anos, a avistou da janela. Ela usava um vestido curto de chita e, empinada com o pedaço de pau no ombro, deixava a calcinha à mostra. Ferino, o adolescente tirou o gibão, a jabiraca e as botas, lambendo os beijos. Hesitou, por um minuto, mas ganhou coragem. Saindo pela porta da frente, se aproximou de Cabritinha distraída a passos lentos. Pisava a relva alta com cuidado, e não fazia nenhum barulho.

Assim que chegou perto, feito uma raposa no galinheiro ou uma cobra no berço, Jamião avançou na menina. O pedaço de madeira caiu. Betinha ia gritar quando ele tapou-lhe a boca e as ventas com as mãos. A criança se debateu, mordendo a mão do agressor, mas logo seus músculos tensos amoleceram e ela esmoreceu, desmaiada, nos braços do vizinho. Acordou horas depois, no meio do mato, sem

vestido. O sêmen, rosado por causa do sangue, escorria grosso como azeite do meio de suas pernas.

Desde esse dia, Cabritinha nunca mais foi caçar gabiru. Morreu no ano seguinte, depois de ingerir, escondida, veneno de rato. Na hora de virar anjinho, chamou Jeremias e segredou-lhe, cheia de vergonha, sobre o que acontecera nos Gominho. Em seguida, foi escalando um céu cheio de goiabas e gabirus, sussurrando coisas sem sentido. Quando Jeremias contou aos pais o que ouviu, não lhe deram razão, pois Cabritinha falecera em meio a delírios. Apanhou muito em seguida com um cabo de vassoura.

A vida do fazendeiro coalhou em dor. O gado, sua única cabeça, não podia ter outro nome: Amargo. Nesse exato momento, Jeremias sente uma coisa que não consegue explicar. Seu corpo esquenta, o sangue em ebulição, e suas artérias dilatam e comprimem-se. Os olhos estão opacos, como os do boi assassinado. É a gota d'água. Tirara-lhe tudo! Até o boi! Jeremias pega o rifle e caminha para a varanda do vizinho, que apoia a espingarda no banquinho e se levanta. Sem dizer nada o fazendeiro levanta o cano da arma e atira em Jamião.

Da janela da casa, o filho de Jeremias observa, com a boca aberta e o rosto alvo. A pistola que pegara escondido do pai treme nas mãos do pequeno. Uma tietinga voa no céu.

— **C**

Beatriz Pires
Itaperuçu – Paraná

O CÁRCERE DE DALVA

Ela estava parada em frente à janela. Era uma casa simples, de madeira azul e branca, com vitrôs de correr e vidros anelados. Apoiada na cadeira - pois era difícil sustentar o peso do corpo com a idade, e tudo pesava, as costas doíam, assim como as pernas, por isso não permanecia muito tempo na mesma posição, - meio arcada, alternava o peso do corpo de um pé para o outro a cada dois minutos que, nessa solidão, pareciam séculos.

Em oposição ao relógio que parecia com preguiça de marcar o tempo, os pensamentos de Dalva eram acelerados, não paravam. Eram compostos de lembranças, memórias e questionamentos sem respostas. Ela meditava sobre sua vida, como gostava de companhia e como apreciava as longas conversas com suas amigas, ou com os irmãos e irmãs da igreja.

Passava em seus lábios a sombra de um sorriso, porque já não conseguia sorrir, de fato, há muito tempo, ao lembrar de seus filhos e como cresceram rápido. Eram três: Luís, Maria e Marina. Quando pequenos eram tão levados, brigando o tempo todo, correndo por entre os móveis da casa pequena e fazendo barulhos estrondosos no assoalho. A única preocupação de Dalva, nesta época, era ter um pouco de paz, então ela gritava com as crianças para que ficassem quietas, pedindo que se comportassem, se não quisessem levar umas palmadas. Ora, ela havia trabalhado o dia todo, estava cansada, nada mais justo que um pouco de paz em casa.

Enchia os pequenos de tarefas domésticas, para que tudo permanecesse em ordem, o jardim sempre aparado, as roupas limpas e organizadas. Eram dias cheios, cansativos. Entretanto, essas lembranças causavam mais que o esboço do sorriso, causavam um nó na garganta e marejavam-lhe os olhos de saudade.

Dalva nunca acreditara que sentiria falta de toda aquela agitação, mas agora sentia. E era dolorida, intensificada pelo silêncio que ela tanto reivindicara e que agora inundava a casa de uma maneira sufocante. Olhava

ao redor e percebia tudo como ela deixara, nada para colocar no lugar, nenhum riso estridente e fora de hora. Suspirava cansada dessa paz impiedosa.

Saiu da janela e foi até a cozinha, abriu o armário e pegou mais uma dose de pílulas para as múltiplas dores que a acometiam. Foi até a pia, numa caminhada cansada de alguns passos. Voltou para o quarto e, sem nada de interessante para fazer, deitou na cama, fechou os olhos.

Pensava consigo mesma como o tempo tinha passado tão rápido. Sim, ela tinha 83 anos agora, mas mesmo assim parecia pouco. Quando foi que as coisas mudaram drasticamente, quando começaram a não ligar mais para o opinião dela e passaram a considerá-la um idosa? No fundo, sentia como se ainda fosse criança, lembrava de seus sonhos bobos da infância e essas memórias se misturavam às lembranças de sua vida sofrida para sustentar os seus próprios filhos. Sim, o pai os abandonara quando ela ainda estava grávida da Marina. Ah, que dias difíceis! Dessa fase, Dalva sente alívio por ter se livrado.

Meditava sobre como tudo é tão incerto, como as regras não dizem nada. Já fazia cerca de 35 anos que Luís morrera ainda jovem e deixara um profundo vazio no peito de Dalva. Ela imaginava como ele estaria agora. Por certo seria um senhor alegre, pois tivera um gosto aguçado para piadas e anedotas.

Maria e Marina casaram, mudaram-se e viviam suas próprias vidas. Vinham visitá-la “quando dava”. Mas essa marcação de tempo para Dalva era muito diferente do que para suas duas filhas. Para quem está sozinho, cada minuto é uma eternidade.

Quando Dalva se aposentou, teve a sensação de conquista: “enfim, vou descansar”. Mal sabia que esse descanso seria torturador e levaria toda a sua vontade de viver. De todos os questionamentos que a inquietavam o que mais a intrigava, certamente, era a dúvida do porquê ela não morria. O desejo da morte era intenso ultimamente. Mas ela não morria, estava condenada a esse cárcere silencioso, atormentador e solitário.

— C

Douglas Mateus Machado Espinosa
Alegrete – Rio Grande do Sul

SAPIÊNCIA

Inerte. Nenhuma outra palavra poderia descrevê-lo melhor.

Aquele homem havia sido voluntário para um dos mais promissores experimentos do século, uma revolução no que se conhecia, até então, sobre o pensamento humano. Ainda deitado na mesa de cirurgia, seu corpo permanecia sem o menor indício de movimento. Os olhos estavam abertos, não por qualquer estado desperto, mas por pura irrelevância, uma indiferença que o mundo exterior parecia lhe causar. O experimento teria funcionado? Seria tal resultado catatônico apenas um cruel efeito colateral ou o completo fracasso do procedimento? Da antessala, através do vidro, a chefe do estudo observava e checava incessantemente as leituras, não querendo acreditar nos resultados. Antes que chegasse a qualquer conclusão, seu assistente, aflito, entrou rapidamente.

— Temos de enviar o relatório final ao comitê o mais rápido possível, estão me ligando lá de cima a cada cinco minutos.

— Não dá, preciso de mais tempo. Já conferi todos os exames, as condições do paciente estão normais, mas olha só pra ele.

— Não sabe explicar o que aconteceu?

— Tenho só algumas hipóteses, mas, sinceramente, não quero estar certa sobre elas.

— Acha que deu errado?

— Pelo contrário, ao que tudo indica, conseguimos. Nosso trabalho foi um sucesso, só que não pensamos nas consequências.

Reunidos no andar mais alto do prédio, cada membro do conselho precisou ler duas ou três vezes o relatório, tentando entender os resultados. Confusos e insatisfeitos com números caóticos e gráficos incompletos, solicitaram urgentemente que a pesquisadora se explicasse pessoalmente.

— Chegamos a uma conclusão, doutora. — Sentado na primeira fila do auditório, o presidente do comitê se pronunciava em nome dos membros do conselho, que apenas concordavam com suas indagações balançando suas cabeças. — Seu relatório entrega mais perguntas do que respostas. Como pode seu diagnóstico ter declarado “bem-sucedido” o procedimento que transformou um homem de 30 e poucos anos, completamente ativo e perfeitamente normal, em nada além de um vegetal?

— Creio que devo explicar da forma mais simples possível para que os senhores entendam — à frente de todos, respondia com tranquilidade a chefe da pesquisa. — Como sabem, o objetivo deste estudo sempre foi alcançar a sabedoria humana em sua máxima capacidade, se é que isso possa existir. Trabalhamos muito para desenvolver uma sapiência absoluta, e foi exatamente o que conseguimos. Infelizmente, o que não consideramos foram as consequências de se saber tudo o que há pra saber.

— De quais consequências a senhora fala? Os gráficos mostram uma atividade cerebral que não explica tal apatia da cobaia.

— O que nos move, diretor?

— Como?

— Apenas como um exemplo, o que nos faz levantar da cama todos os dias? O que nos faz ver as notícias, tomar um café, vestir uma roupa limpa e dirigir até aqui? Por que almejamos, planejamos, arriscamos, carregamos esperanças e superamos os medos?

— São muitas perguntas, ainda não entendi aonde quer chegar.

— Todas as sensações que buscamos um dia conhecer e experimentar, as oportunidades de comprovar ou de se surpreender, acertar ou errar em nossas expectativas, tudo isso é o que nos move, é o que nos faz sair de nosso estado inerte a todo instante.

Os membros do conselho permaneciam em silêncio, alguns olhares estavam arregalados, outros cerrados, mas todos tentavam digerir a explicação em suas mentes burocráticas. Ela seguia.

— As atividades cerebrais do voluntário estão realmente intensas, muito além do que teríamos imaginado, mas a sabedoria não

se limita apenas a números, teorias ou resultados matemáticos, ela transcende todos os sentidos, todos. Os sentimentos, as reações, a memória, aquilo que é bom e o que é ruim, tudo faz parte da sabedoria. Vivemos para conhecer as novas sensações.

— Está querendo dizer que aquilo que é desconhecido é o que nos move e, agora que o paciente conhece todas as sensações possíveis, perdeu a motivação que tinha pra existir?

— Eu não diria “existir”, mas sim, buscar. Se a mente dele pode saber de tudo, ela também é capaz de conhecer todos os sentimentos, simular qualquer reação, sintetizar experiências que o corpo físico não precisa vivenciar. Tudo o que o paciente poderia um dia experimentar, agora ele passou a conhecer, mesmo sem sair do lugar. Pra nós aqui, cada movimento carrega um propósito, mas na cabeça dele, todas as microtentativas de movimento já são recompensadas, no mesmo instante, com as sensações e emoções que poderiam despertar. E elas realmente despertam, todas ao mesmo tempo, constantemente e incessantemente, patinando em infinitas motivações saciadas por segundo, sem sobrar motivo algum pra sair do lugar.

Após um breve tumulto, cochichos e conversas paralelas, outro membro seguiu questionando.

— Suas explicações ainda parecem um tanto absurdas, mas supondo que façam sentido, poderia nos dar um exemplo mais simples? Algo prático?

— A mente humana não pode ser explicada com um exemplo simples, cada decisão que tomamos gera literalmente infinitas reações para o futuro, mas posso tentar ilustrar uma dessas linhas de raciocínio, se é o que o senhor está pedindo. Vamos supor que o paciente queira se levantar agora, por que o faria? O que viria a seguir?

— Está perguntando a mim?

— Sim, use sua imaginação, faça uma suposição qualquer. O que aconteceria logo após ele despertar?

— Bem... deixa eu pensar... com o experimento bem sucedido, acredito que ele seria convidado para uma coletiva de imprensa, todos iriam querer ouvi-lo.

— Exato, vamos continuar nesse raciocínio. O êxtase do sucesso, ser o homem mais inteligente do mundo respondendo a todas as perguntas. Imaginem a química da satisfação em seu cérebro, todos os sentimentos envolvidos e que ele nunca sentiu, mas estaria experimentando. E depois?

— Talvez ganhar dinheiro de várias formas, ajudar a humanidade a descobrir a cura para todas as doenças, essas coisas.

— Perfeito! Os prazeres do dinheiro, a satisfatória sensação de ajudar o próximo, a tranquilidade do dever cumprido e, quem sabe, uma inevitável soberba. Até então, valeria muito a pena levantar dali para sentir tudo isso.

— Eu pegaria todas! — rindo, outro membro comentou em voz alta.

— Ora, por que não? Com tanta fama e dinheiro, o sexo fácil e abundante, o cheiro e o gosto dos fluídos da carne, um orgasmo diferente a cada encontro. Agora faria ainda mais sentido se levantar para tal futuro glorioso, não é mesmo?

— Sim – o diretor, usando um tom debochado –, concordamos com a senhora, mas nada do que diz está fazendo sentido.

— Entendam que, nesse exato momento, na mente dele, ele já está sentindo tudo isso e sabe exatamente como é viver cada sensação que acabei de descrever a vocês. Ele sente e vai continuar sentindo, não há mais motivo algum em sua cabeça pra que o corpo faça qualquer coisa.

— Certo, mas tem um porém. Como explica a contradição de que, se ele sabe de tudo mesmo, provavelmente reconhece a própria condição vegetativa. Esse não seria o maior estímulo para se levantar?

— Seria sim, mas por ironia do destino, ele também sabe perfeitamente como seria a sensação de sair desse estado, e isso já o satisfaz. A mente se transformou na própria armadilha. Nas condições atuais, não há nada que possamos fazer por ele.

Após um breve silêncio, o diretor concluiu.

— Pois bem – ele gaguejava –, dadas essas lamentáveis conclusões, agora o comitê vai debater sobre esse seu relatório. Vamos deci-

dir como proceder daqui em diante, mas se esse é realmente o preço da sabedoria infinita, a pesquisa não será viável. Se você estiver certa, o resultado foi no mínimo terrível, uma tragédia que eu não desejaria nem ao meu pior inimigo. Se puder nos dar licença, precisamos decidir o que faremos com a vida da cobaia, já que a única boa notícia é que ele não morreu.

— Eu não diria isso, diretor. Se aquela mente passou a conhecer todas as sensações, das mais belas e prazerosas até as mais desagradáveis e cruéis, eu garanto que a pior delas, com toda a certeza, não é a morte.

— **C**

Tiago dos Santos de Souza Hatayama
Belford Roxo – Rio de Janeiro

NARCISO

O Sol é um vilão invencível. Frio por natureza,
em seu coração há gelo puro,
gotejante, cristalino. Dele, vem a luz que ilumina
os campos e aquece os corpos. Mas também vem dele o
fogo que incendeia os cabelos das árvores.

A manhã mal havia começado e o velho sertanejo já caminhava pela antiga estrada de terra, encarando um sertão que ardia como se já fosse meio-dia. O vento, sempre tão disposto a percorrer longas viagens, ali era puro desgosto, soprando fraco, murcho em meio a tanto calor. Com suas chinelas, ele ia raspando o caminho, empoeirando ainda mais o agreste, esse purgatório rodeado por cercas nada furtivas, linhas farpadas desde o tempo de Tordesilhas, o capital se espreado por lonjuras colossais.

Carregava uma enxada e levava um trapo por sobre o nariz, tentando vencer aquele mar de poeira que bojava no chão do agreste. Jegues, pássaros, vacas e cabritos, o mundo tinha uma aparência mastigada; também, pudera: o ar era uma mistura de pimenta e vidro moído, e respirar era como ter navalhas retalhando a carne das narinas. O velho sertanejo atravessava os dias capinando a terra dos Espelho, um clã de coronéis cujo poder se estendia há tanto tempo. Quando um deles passava, até mesmo as árvores rendiam-lhe cumprimentos.

O Sol é um astro de hábitos peculiares. Evita visitar certos lugares. Mas em outros, prefere demorar-se em amplas estadias. Se no polo de baixo ele mal se demora, no sertão, ele é uma presença absolutamente perene.

De vez em quando, o velho sertanejo elaborava estranhas teorias. Sua mente era um potente computador, *hardware* malconservado,

mas o *software* era veloz, toneladas de gigas e teras que se alimentavam de antigas tradições. Dentro dele, borbulhava toda sorte de reflexões, um sem número de invenções do cotidiano. Para ele interessava saber quando os brincos caíam das orelhas das árvores. Para ele, valia analisar o semblante da Lua. Saber traduzir a língua dos passarinhos, uma cabala que permitia adentrar um outro mundo.

O velho sertanejo nem se importava em saber o número dos anos. De que serviria pontuar se era 1900 ou 2000 e alguma coisa? A terra continuava sempre igual, a natureza não era chegada a usar números arábicos. Cartesiano às avessas, o velho usava outras fórmulas, tinha maneiras outras de marcar o compasso dos dias. Se o ar queimava a pele, a sombra no chão se estendendo como uma capa, é porque ainda era tempo de trabalhar. Quando a sombra dos cactos começava a se recolher para dentro dos espinheiros, ele entendia que era hora de apoiar a enxada nos ombros e ir para casa. Enquanto a hora não chegava, ele deixava a mente viajar. Às vezes.

Um menino reza, enquanto encara o leito seco do rio. O jovem padre, com mãos erguidas, clama misericórdia. A mulher assovia feitiços diante de um poço enxuto. Mas é impossível estabelecer contato. O Sol sempre foi dado a silêncios intransponíveis.

— Papai, o Sol é o quê? — a filha perguntou, tempos atrás.

— É Deus. — Ele tentou disfarçar a heresia que lhe brotou na ponta da língua, mas não conseguiu.

A menina arregalou os olhos remelados.

— E a Lua, painho?

A resposta veio intempestiva, de bate-pronto.

— A Lua é o espelho que o Sol usa para se arrumar.

Enquanto a menina pesava o que tinha ouvido, ele sugou o cigarro, depois bafou quenturas. Desviou o rosto, não queria a filha respirando sujeira.

Lá longe, um cavalo relinchou.

— Mas, se o Sol é cor do milho, e a Lua reflete espuma, esse espelho está quebrado.

Uma descarga de beleza fez vibrar o ar. Sim, a mente da menina

era igualzinha a dele. O jovem pai se esforçou para suportar aquela estranha felicidade.

— Agora deixe de prosa e vá ajudar mãinha na cozinha.

A menina se foi, e ele ficou preso em um mar de alegria. Saber conversar com os passarinhos era mesmo uma cabala muito eficiente.

Os antigos falavam de “música das esferas”. De fato, o cosmo é como um bobo da corte. Mostra aquilo que todos sabem. Suas melodias desenham o que ninguém tem coragem de dizer.

A liturgia dos dias. O chicote do Sol agredindo o mundo, o velho usando a enxada para ferir a terra — justamente a que menos culpa tinha no imbróglio. Depois de feita a trilha, ele lançava punhados de grãos que se aninhavam no crânio da terra. Fazia isso, enquanto ansiava pelo momento em que, já em casa, poderia, enfim, se deitar na rede. Seu corpo encolhido, quase mofino, entregue a um lento balançar, e mastigando uma hóstia de cactos e as mãos em forma de reza, ele agradecerá pelo dia, enquanto mente e corpo adentram no vazio do limbo, a escura roça do caos. Já, mas ainda não.

O velho está com a enxada nas mãos, o alforje ainda com sementes. Apesar do calor e do trabalho que falta, ele se sentia bem, estava feliz. No seu coração havia um fio de prata, esticando-se em direção às estrelas. Voltou a lancetar a terra, mas ao invés de deitar na rede, seu coração clamou: queria ouvir o choro da netinha, nascida há menos de dois dias atrás, o amor de sua vida todinha.

Eis o que a música diz. O Sol não quer brilhar, nem queimar, nem aquecer.

O Sol é um narciso. O que ele mais quer é um espelho.

Lembrou-se de quando se debruçou sobre a cama de palha, e viu a bebê pela primeira vez. A casa, caindo aos pedaços, foi invadida por um sopro de vida. O vento da noite silvando regozijos e gentilezas. A neta já tinha os cabelos queimados de sol, encaracolados. Os olhos alertas, assim como as mãozinhas, agitadas, querendo segurar o que estivesse nos entornos. A visão fez o cansaço escafeder-se. Algo se abriu dentro dele, um novo evangelho, grãos de boas notícias, foram semeados. Uma lágrima pingou na testa do rebento, gotinha de

orvalho, joia de perolada liquidez. Aquele tenro batismo fez a paz invadir seu coração. O tempo dormiu, e levou com ele o espaço. Ao sangrar de benta esperança, o velho deu de cara com o divino, águas brilhantes, multicoloridas, jorrando direto do Sol — ou seja, de Deus. Sorriu diante daquela graça que nem os santos mais santos puderam alcançar.

Um dia, seu espelho sumirá de vista. Depois disso, cansado de tanto procurar, o Sol prenderá o fôlego. Tornar-se-á um Equador sem limites. E então virá o fim.

Os povos de antigamente se viam refletidos n'água, mas no sertão não há nada com que se ver. Por isso o velho sertanejo assustou-se, ao encontrar aquele estranho objeto: um pedaço de espelho, encobreado e meio partido, perdido em meio a um mafuá de galhos, pedras e tufos. O que aquele artefato, peça de estupenda tecnologia, que bem podia ser pré-diluviana, estava fazendo ali? Ele não saberia dizer, mas não se pergunta ao destino por que os acasos desaguam: se entra na vida que se apresenta, mesmo que na maioria das vezes, a água pareça cortar de tão fria. Ele pegou aquele pedaço de lua nova, quis ver o rostinho da neta duplicado em reflexos. Sentiu um aperto no peito. Um dia, sua netinha faria perguntas, parecidas com as da mãe, mas ele não estará vivo para lhe entregar seus arremedos de gasta poesia.

Um grupo de fenícios está na praia. Apagam a fogueira, percebem algo estranho. Areia e nitrato de sódio, elementos que, inflamados, derreteram juntos. Da união dos desiguais surgiu um cristal incommum. O primeiro de sua espécie. Filho do casamento dos elementos todos, terra, fogo, mar e ar. Vidro.

O velho sertanejo chegou em casa. Colocou a enxada no canto. Beijou a cabeça e os cabelos cor de prata, cachoeira que escorria sobre o rosto da esposa. A velha senhora, praticamente imóvel, cerzia um trapo, mal reparando no que acontecia além da ponta da agulha e dos dedos. Na pequena cama de palha dormia a filha do casal, mãe de primeira estação. Ao lado dela, na cama, a bebê despertava, aos poucos, entremeando piscadas, bocejos e espreguiçadas. Tirou o

caco de espelho do bolso da calça rota, colocou diante do rostinho. Havia um pequeno corte, vertical, acima dos lábios da bebê. O velho imaginou a unha do indicador de Deus.

Talvez essa seja a forma dele não perder seus preferidos de vista. Trancou aquela heresia no fundo da cabeça.

Milênios depois, em um mundo sem fenícios, um químico misturou vidro e nitrato de prata. Então a transparência tornou-se reflexo.

A esposa do sertanejo suspirou uma interjeição, quando o clarão ofuscou a vista de todos, o Sol havia dado um jeito de se prender no espelho. O velho sertanejo mudou o caco de posição. Quando a netinha se duplicou sobre o vidro, todo polvilhado por pequenas ilhas de ferrugem, a avó parou a costura e se enrugou em sorrisos, as mãos pousadas sobre as fibras do esfiapado tecido. Mas eis que, seja por um santo milagre ou por esturricada diabrura, o Sol encontrou um jeito de refletir-se novamente no espelho. Foi quando aconteceu.

Essa estranha alquimia obnubilou o que deveria ser evidente. O espelho replica o real, mas também o distorce. Ambrosia e hidromel. Ricina e curare. Eis o óbvio: todo espelho é uma prisão. Refletir-se, para muitos, é o início de uma longa pena.

A luz mudou de pele, o mundo assombrou-se sem aviso prévio, e nisso, a chuva, tão desejada naquelas terras, desabou, só que veio estranha, de baixo para cima, pingando do chão para o teto, martelando telhas, pregando pingos nas paredes, esfarelado o barro, amolecendo a madeira, fazendo com que centenas de línguas, finas, doces, lambessem os pés e as cabeças dos sertanejos. A velha filha e a jovem mãe foram se debruçar na janela.

— Severino! Olha a chuva!

O jovem sertanejo abriu os braços.

— Graças a Nossa Senhora!

A voz encharcada de poeira, o corpo untado de suor e chuva — essa reversa que serpenteava por entre os dedos do pé, feito árvore. Inconformado com o giro que o mundo havia dado, o velho sertanejo girou o pulso, escondeu o espelho. Ele ficou alguns instantes meio abobado, estatelado, como se tivesse saído de um transe, um

porre seco, tentando entender o que havia acontecido. Já que a tempestade havia sumido, o mundo seguia em seu antigo prumo, e o Sol, esse antigo narciso, envia seus últimos reclames de luz, rebotalhos de uma tarde quase finda. O velho ergueu o pescoço, olhou pelo buraco na parede, aquele arremedo de janela. Lá fora, aquele mar de segura continuava no mesmo lugar, ondas de poeira e calor, se estendendo firme, por todos os lados, fazendo do barraco uma ilha, território feito de carne, madeira e caos. Uma gralha atravessou o ar, paralela à linha do horizonte. O velho pensou que ela bem que poderia furar aquela imensa bola de fogo, que pouco a pouco se escondia, descendo por detrás do horizonte. Aquela heresia, mas razoável do que as demais, fez o homem desabar em risos, a ponto de escorrer sumo do seu nariz. A bebê sorriu também.

E o Sol, antes de se deitar em uma cama de estrelas, ouviu aqueles dois, avô e neta, ambos em uníssono, reverberando os ecos um do outro, ambos afinados em si, um pequeno acorde a contribuir com a música das esferas.



Sérgio Luiz Tonsig
Araçatuba – São Paulo

A CORAGEM - UMA AVENTURA IMPROVÁVEL

— James, vá logo ao dentista. Você nem sequer conseguiu dormir direito essa noite.

— Você sabe que tenho um certo trauma de dentista, né?

— Eu sei, mas tudo tem limite. Você nem me deixou dormir direito também. — lamenta a esposa de James.

— Certo, vou tentar encontrar alguém que possa me atender ainda hoje.

Os dentistas da lista que James tinha estavam todos com agenda cheia, e não tinham como abrir espaço. Só sobrou mesmo o Dr. Toshiaki, que foi indicação de um amigo. Agendou uma consulta com ele logo após o almoço.

Um pouco antes do horário James já estava sentado na espera do consultório. Logo foi chamado e sentou-se na cadeira odontológica. Para garantir o conforto de James, Dr. Toshiaki ajustou a posição da cadeira e ligou a televisão, uma tática usual para distrair os pacientes durante os procedimentos.

Em seguida, James passa a observá-lo com alguma curiosidade, que é atizada pela forma com que o dentista manuseia seus instrumentos mais pontiagudos, como as espátulas e extratores de tártaro. Os instrumentos estavam organizados em uma bandeja, e ao conferi-los, Dr. Toshiaki os segurava como se fossem uma extensão natural de seu próprio braço. Em seguida, com movimentos rotativos dos instrumentos entre os dedos, ele realiza um malabarismo incomum, e seus olhos brilham intensamente. James fica impressionado com a cena, enquanto um desconfortável temor se instala em sua alma. Mas, o que acontece depois faz seu coração bater no pescoço.

James é tomado por uma visão estranha. Ele vê Dr. Toshiaki vestido com uma armadura samurai, empunhando uma espada e lutando

contra um inimigo. James fica atordoado. Em seguida, ainda confuso, tenta falar sobre a visão, mas é interrompido.

— Você viu, não foi? — disse Dr. Toshiaki, com um sorriso enigmático. E prosseguiu: — Eu sou um samurai. Há muitos anos, participei de uma grande batalha secreta onde meu mestre foi morto. Tornei-me um *ronin*, um samurai sem mestre, e decidi honrar seu nome cuidando da saúde das pessoas, por isso escolhi ser dentista.

James está atônito. Não encontra palavras. Tudo aquilo é confuso demais para sua compreensão.

Então, o Dr. Toshiaki continua:

— No entanto, há algo que você precisa saber. Eu guardo um segredo que só poderia ser revelado a quem tivesse a visão que você teve. Meu mestre morreu protegendo um pergaminho muito valioso para os samurais. Eu consegui fugir com ele e guardar em um lugar seguro. A revelação que você presenciou indica que é hora de devolver o pergaminho aos samurais deserdados de Kamakura, no Japão. O pergaminho fará florescer uma nova e vigorosa ordem Bushidô, onde prevalecerá coragem, respeito, honestidade, lealdade e justiça.

James está cada vez mais surpreso e confuso. Tem até a impressão que seu dente parou de doer. Com relutância, ele reúne coragem para perguntar:

— Está bem, mas... onde eu me encaixo nessa história?

— Apenas quem teve a visão do samurai em combate pode recuperar o pergaminho e levá-lo para o Japão. Não se preocupe com as despesas; já há um fundo reservado para isso.

— E onde posso encontrar esse pergaminho?

— Bem, eu trabalhei na época como funcionário da construtora responsável pela ponte estaiada mais famosa de São Paulo, que cruza o Rio Pinheiros. Assim, peguei uma caixa à prova d'água e amarrei ela no fundo do rio. Para localizar a caixa, basta encontrar o ponto central do mastro em 'X' da ponte e seguir diretamente em frente, até atingir o meio do rio. Você a encontrará lá.

— Vamos ver se entendi. Eu vou até a ponte estaiada, posiciono-me exatamente no meio do mastro em 'X' e caminho em direção ao centro do Rio Pinheiros. É isso?

— Isso.

— Doutor, só de respirar na margem desse rio, a gente já passa mal; imagina entrar nele!

— Sim, é verdade! Será necessário adquirir o equipamento de segurança adequado, incluindo uma roupa de mergulho totalmente impermeabilizada e um escafandro autônomo. Mas não se preocupe com isso por agora; eu vou ajudar você. Vamos começar focando no seu dente primeiro.

Resignado com a situação do seu dente, James se submete pacientemente ao trabalho de restauração. Após concluir, Dr. Toshiaki fornece as últimas recomendações. Juntos, eles acertam um dia para a compra dos equipamentos e para finalizar o plano de resgate do pergaminho.

Após adquirirem os equipamentos, no dia marcado, os dois se posicionam abaixo do mastro em 'X' da ponte estaiada.

— Não se preocupe, basta seguir reto até o meio do rio. Já conferi, está tudo ok, vamos fechar o escafandro e testar a comunicação por rádio — diz Dr. Toshiaki.

O dentista gira o escafandro três vezes até travar, e batendo levemente sobre ele, diz:

— Está me ouvindo James?

— Sim, o áudio está perfeito. Vou entrar lá agora.

— Ok.

James entra no Rio Pinheiros e segue andando até o meio do rio. A água está um pouco acima de sua cabeça. Tem a impressão de que a profundidade no local é cerca de apenas dois metros. Acende sua lanterna e começa a procurar. Rapidamente localiza uma caixa alaranjada a poucos metros de onde está. Dirige-se até ela e ajoelha-se para cortar a fita que a prende a uma rocha. Enquanto isso, percebe um movimento estranho, que vem em sua direção. De longe, parece uma espécie de tronco de árvore. O problema é que está se deslocando em direção contrária à correnteza do rio. Ao se aproximar, percebe que se trata de um jacaré. Imediatamente, pega a faca presa em sua perna e o golpeia. Acerta em um dos olhos. O jacaré foge do local.

— James! Está me ouvindo? Estou vendo uma turbulência sobre a

água onde você está. Aconteceu alguma coisa? – indaga Dr. Toshiaki, tenso, na margem do rio.

— Apenas um pequeno contratempo, mas está tudo bem agora. Terminei de cortar a fita. Vou levar a caixa. Estou indo – responde James.

Três dias depois, com o pergaminho guardado em um compartimento de sua mochila e um envelope selado, James desembarca em Tóquio e, depois, segue para Kamakura, onde é recepcionado pelo atencioso senhor Kioshi, que fala fluentemente Português. Juntos seguem até o Museu do Tesouro Nacional.

Embora achasse estranho ir até o museu, James não questiona Kioshi. Ao entrarem, dirigem-se a uma sala onde estão sozinhos. Na parede, protegida por um vidro, estão duas longas espadas. Kioshi se adianta, explicando sobre elas e mostrando detalhes da decoração de madrepérola e de folhas de damasco. Em seguida, em alta voz, pronuncia uma palavra em Japonês:

— Akeru!

Surpreendentemente, para James, a parede onde estavam as espadas se abre, revelando um corredor. Ao entrarem, a porta se fecha. Chegam a uma sala maior onde três pessoas vestidas com roupas tradicionais dos samurais estão presentes. No centro, um velho senhor, e, nas laterais, dois guerreiros com suas espadas.

— James, o que trouxe para nós? – questiona Kioshi.

James abre rapidamente sua mochila e entrega a Kioshi o pergaminho e o envelope fechado.

— Aqui está o pergaminho, grande shōgun Tokugawa — diz Kioshi, que, em seguida, o entrega ao velho senhor à sua frente, curvando-se como gesto de uma respeitosa saudação.

O velho pega o pergaminho e o examina cuidadosamente. Parece ler cada detalhe antes de pegar o envelope fechado, retirar a folha e também a ler. Em seguida, conversa reservadamente com Kioshi em tom baixo, deixando James apreensivo.

— James, venha até aqui — com uma voz imponente, Kioshi ordena. James não relutou em atender de imediato.

— Ajoelhe-se lá! – diz Kioshi, apontando para um local logo à fren-

te do velho.

Em uma fração de segundos vários pensamentos se passam na cabeça de James, o mais terrível foi: “Será que vou perder a cabeça agora? ”. Ajoelhou-se em seguida.

— Tragam as duas espadas samurais. A partir desse momento para nós, morre o James e nasce Akira Miura, samurai – decreta o velho.

— Levante-se James! – diz Kioshi.

Ao se levantar, recebe das mãos do velho as duas espadas, simbolizando a autoridade de um verdadeiro samurai. Este era um reconhecimento concedido a poucos ocidentais.

Após passar mais alguns dias no Japão, estudando os princípios do Bushidô e compreendendo como esses valores eram preservados nos dias atuais, o novo samurai retorna ao Brasil.

Ao voltar, é recebido por sua esposa e por Dr. Toshiaki, a quem agradece por toda aquela inusitada situação.

Muitos meses se passaram desde a inacreditável aventura, e James mergulhou não apenas nas tradições samurais, mas também em um aprendizado mais profundo sobre coragem e superação.

Enquanto continuava a aplicar os princípios Bushidô em sua vida diária, uma certa manhã, aquela conhecida dor de dente se fez presente novamente.

Ao reclamar com sua esposa, ele hesita por um momento, lembrando-se do antigo trauma de dentista que o assombrava. No entanto, algo havia mudado. Um sorriso determinado aparece em seu rosto.

— Não vou esperar para ver se passa, é hora de enfrentar esse medo.

A esposa sorri, admirando a coragem renovada de James.

— É, meu samurai. Estou aqui para apoiar você, seja enfrentando inimigos ou dentistas.

E assim, munido não apenas de coragem, mas também dos ensinamentos valiosos que trouxe do Japão, James encara o desafio do dentista com uma nova postura. O trauma, aos poucos, cede espaço à confiança e à superação, enquanto o samurai moderno aprende que, às vezes, a verdadeira vitória está em enfrentar nossos próprios medos.

— **C**

Rafael Patruno Tellini
Senador Amaral – Minas Gerais

O SANTO E O LOUCO

Com a permissão da memória, narrarei este fato do início ao fim. Contudo, as primeiras recordações não passam de imagens turvas e desconexas. Pessoas vagando lentamente, emitindo arfadas, gemidos de dor e lamúrias, carregando uma esperança cega no olhar em meio a sombrias e rudes feições. Não sei quando se aproximaram ou de onde vieram; arrastavam os passos sobre a terra úmida, deixando para trás o povoado de Ribeirão Fundo sob a névoa densa que atravessava os vales, ainda escuros.

As silhuetas das araucárias se destacavam no alvorecer e os pássaros começavam a chilrear. Segui o grupo por uma picada estreita e barrenta - completamente desconhecida para mim. Após um aclave, a mata se adensou. Atravessamos um riacho de água gelada que escorria entre pedras. Molhei minha nuca para recobrar os sentidos e fui capaz de analisar o grupo com nitidez: todos desconhecidos. À primeira vista, nenhum habitante do povoado de Ribeirão Fundo. A maioria mulheres e velhas, descarnadas e castigadas. Algumas crianças raquíticas de barriga grande e poucos homens, lânguidos e abatidos; todos maltrapilhos e descalços. Chegamos a um topo descampado, onde recebemos os primeiros raios de sol. O povoado de Ribeirão Fundo havia sumido entre vales e morros distantes. O único sinal de habitação ainda visível se resumia nas ruínas de uma antiga capela.

A primeira noite ao relento foi a mais difícil. A Lua estava alta quando o bando finalmente resolveu parar para descansar num descampado. Não havia liderança, ordens ou planos, as decisões de interromper ou retomar a marcha eram tomadas de forma instintiva e coletiva. Nenhuma palavra era proferida, o grupo simplesmente pensava e agia em silenciosa comunhão.

Os homens fizeram uma fogueira, assaram pinhões, coletados pelo caminho, e um pequeno tatu. As mulheres partilhavam pedaços de pão e punhados de farinha para alimentar as crianças. Afastei-me do grupo em busca de água e encontrei algumas fragaias entre moitas de samambaias e gravatás. Quando retornei ao acampamento, não havia sobrado nem cheiro de tatu. Deitei sob um pinheiro e tentei dormir, encarando as estrelas, enquanto o grupo murmurava suas orações. A temperatura despencou e, com fome e frio, tive de rastejar até a fogueira para me aquecer. Logo que peguei no sono, o dia clareou e o movimento foi se desinibindo. Em pouco tempo o grupo já se encontrava em marcha novamente, seguindo a picada, que ora se estreitava em desfiladeiros e matas densas e ora se alargava em descampados e cimeiras pedregosas.

No dia seguinte, de um isolado casebre de adobe, protegido por quaresmeiras, ipês, paineiras e bananeiras, surgiu um icônico velho claudicante, sem camisa, oferecendo cachos de banana madura, como se estivesse à nossa espera; não disse palavra, apenas apontou para as frutas e se recolheu. Avançamos nas bananas e nos fartamos. Depois do breve descanso, ao som de jacus, tucanos e seriemas, recolhemos pencas de bananas e nos colocamos novamente na picada, seguindo nosso rumo - seja lá qual fosse. Na verdade, isso não me preocupava mais. A união silenciosa do grupo era tão acolhedora que tornava nosso destino final irrelevante.

Sou incapaz de precisar quantos dias passamos atravessando matas e picadas, como se uma espécie de alienação, alucinação ou febre delirante houvesse me tomado, mas me recordo com clareza do exato momento em que nossa procissão se findou. Com a luz do Sol derretendo a geada, a impressionante visão daquela multidão me arrastou de volta à lucidez. Centenas de maltrapilhos, com as mesmas feições da minha gente, espalhados entre míseras tendas e improvisados fogões de pedra. Sem qualquer recepção e acolhimento, meu grupo se diluiu entre aquelas pessoas, impossibilitando qualquer distinção entre eles, com exceção dos mutilados e agonizantes, que se arrastavam de um lado a outro.

Grunhidos e monólogos ininteligíveis acompanhavam o crepitar de fogueiras, o tilintar de panelas e o resmungar abafado de crianças, que soavam de forma tão integrada ao ambiente quanto o som de pássaros, o farfalhar de folhas e o assobio de vento. O acampamento, ou seja lá o que fosse aquilo, se alongava até perder de vista e tinha os flancos ladeados por uma mata e uma pedreira. Caminhei a esmo entre tendas e toda sorte de tralhas miseráveis e alcancei a mata em busca de sombra.

Ao entardecer, o grupo iniciou uma oração em uníssono, todos ajoelhados, de cabeça baixa e mãos estendidas na direção da pedreira. Fui o único entre centenas de pessoas a permanecer em pé e pude ver que as mãos estendidas apontavam para uma gruta, na pedreira, onde um homem brandia um cajado, vestindo uma espécie de túnica. Eu estava muito longe dele, pensei em me aproximar, mas atravessar o mar de pessoas era impossível. Após a infundável oração, o homem brandiu o cajado com fervor e proferiu algumas palavras; depois, apontou o cajado para duas jovens garotas, que prontamente foram levadas ao interior da gruta por dois homens. Eles permaneceram na entrada da gruta enquanto o sujeito do cajado disse mais alguma coisa, abençoou as pessoas e entrou na gruta.

Perguntei a uma velha quem era aquele sujeito e como resposta recebi uma terrível careta de reprovação. Afastei-me e encontrei um riacho de água gelada, bebi e permaneci ali, no meio do mato. Ao cair da noite, a maioria das pessoas se recolheu nas tendas. Os que não tinham onde dormir se acomodavam no chão, ao relento.

Aproveitei para me aproximar da gruta, mas fui repellido pelos homens que guardavam a entrada. Sentei ao lado de uma tenda e permaneci ali a noite toda, incapaz de dormir, aflito sem saber a razão. Durante a madrugada, uma garota saiu da gruta completamente aturdida, com as roupas rasgadas, o rosto machucado, tentando cobrir os pequenos seios e encontrar sua tenda. Corri até ela e perguntei o que havia acontecido. Ela se assustou e, tremendo, franziu o cenho, perplexa com minha abordagem. Mas antes de entrar na tenda, me lançou um olhar vidrado que me revelou tudo, me causan-

do um terrível arrepio na espinha. Afastei-me rapidamente dali, pois um dos seguranças da gruta corria em minha direção com cara de poucos amigos. Serpentei entre as tendas e me escondi do sujeito, que acabou desistindo da perseguição.

Permaneci o resto da noite em silêncio, deitado entre uma tenda e uma moita, e em algum momento adormeci. Despertei com o dia claro, a oração matinal em andamento e todas as mãos espalmadas na direção da gruta, onde o homem da túnica e do cajado abria os braços e abaixava a cabeça hirsuta. Eu não fazia a menor ideia de quem era aquele sujeito, mas o seu poder sobre as pessoas era impressionante e incompreensível para mim. Após a demorada oração, o silêncio reinou absoluto por bons cinco minutos. Então o sujeito brandiu o cajado e sua voz pode ser ouvida em cada tenda, em cada canto do acampamento. Jamais esquecerei suas palavras naquele momento: “Chegou a hora, irmãos, Deus disse que a única forma de lavarmos nossos pecados é com sangue inocente”.

Senti uma dor aguda no coração, o peito sufocado, que se transformou em desespero. Entretanto, eu não sabia o que fazer e mesmo que tentasse, o séquito de miseráveis não me permitiria dar um passo sequer. Na entrada da gruta, o homem recebia um bebê, que chorava com toda sua força, ressoando nas tendas, na mata e nos rostos rudes e austeros das pessoas. Um dos seguranças da gruta se ocupou do cajado enquanto o outro entregou uma longa faca ao homem da túnica, que a essa altura, segurava o bebê pelos pés.

Aos prantos, comecei a gritar para que, em nome de Deus, não fizesse aquilo, mas a multidão se revoltou com minha interferência e, a pedradas, me afastou dali. Fui empurrado, chutado e esmurrado até o limite do acampamento. Atordoado pelos golpes, sofri para me manter em pé e, impelido pelo desespero, comecei a correr, com o único desejo de encontrar um sinal de civilização e denunciar aquela barbárie. Corri por muito tempo sem a menor noção de minha localização. Arisco a qualquer ruído, com medo de estar sendo caçado, não parei, nem dormi, caminhei durante a noite toda e metade do dia seguinte. Prestes a desabar, com o sol sobre minha cabeça, não

segurei as lágrimas ao ver a carroça que se aproximava lentamente. O chapéu escondia as feições do condutor, que parou a carroça ao me ver arrastar os joelhos em sua direção. Respirei fundo e, de uma só vez, contei tudo o que sabia. Antes, porém, de escutar a voz do condutor, apaguei.

Recobrei os sentidos sobre uma maca, sozinho, num quarto desconhecido. Pessoas vestidas de branco apareceram, entrei em desespero e comecei a gritar sobre o bebê, a gruta, o homem do cajado, os miseráveis, de forma completamente desconexa, criando uma enorme agitação no quarto. Duas mulheres me seguraram enquanto uma terceira me aplicava uma injeção e um homem amarrava meus punhos aos ferros da lateral da cama. Em alguns instantes tudo ficou escuro.

Quando abri os olhos novamente, continuava amarrado, mas evitei abrir a boca. Logo as mulheres me trouxeram sopa e café e quando perguntavam qualquer coisa eu apenas acenava com a cabeça. Dois ou três dias depois, fui desamarrado, pude me levantar, sair do quarto, passear pelo jardim, mas durante a maior parte do tempo me sentia extremamente sonolento, devido aos medicamentos que me davam. Assim, os dias transcorriam em calma. As pessoas me tratavam por “senhor” e como não me exaltei novamente, ganhei cigarros e alguns livros.

Já não sei a quanto tempo estou aqui e tampouco onde estou. As pessoas que estavam aqui na minha chegada há muito foram substituídas por outras, mais frias e rudes. Quando passo em frente ao espelho, concluo que também fui substituído, por um senhor grisalho e enrugado, de olhos miúdos, opacos e vazios. Agora escrevo neste pequeno caderno algumas lembranças que ainda permeiam minha memória, sem saber ao certo a razão. Talvez na esperança de esquecê-las e me livrar deste pesadelo que me assombra todas as noites. Talvez alguém leia e... Não, é tarde. Na verdade, não espero que leiam, e sei que, de alguma forma, estas palavras se tornarão pó, assim como todos nós.



Mateus V. Bilhar
Brasília – Distrito Federal

INCLUSIVE VANESSA

O som das ondas estremecia as guarnições das janelas e portas da deteriorada casa no alto do morro. Alguns se incomodariam com o barulho ininterrupto das marés altas se chocando contra as rochas, mas não Vanessa. O sol do amanhecer logo invadia os pequenos cômodos mofados pela maresia, esverdeando seus cantos mais isolados. Muitos se incomodariam com as infiltrações e rachaduras na fundação da casa, mas não Vanessa. O odor de pesca fresca impregnava as roupas, até mesmo aquelas poupadas para eventos festivos na cidade, já que não havia outro sabão se não aquele feito de gordura de peixe. Muitos se incomodariam com a pestilência, mas não Vanessa.

Ao contrário, Vanessa tinha paixão por todos os desgastes causados pelo mar. O deserto azul, enfurecido por ondas, ventos e tempestades, também lhe havia provido o maior dos amores e a mais dura das dores. Havia lhe assegurado um marido e custado um filho. Antônio era um homem bom. Pescador, passava semanas em alto-mar garantindo o mínimo de fartura familiar, chefiando uma tripulação composta de quatro homens, igualmente bons.

Para que Vanessa pudesse ver o pesqueiro até que desaparecesse além do limite da sua visão, e ser a primeira a enxergar seu mastro ao retornar à ilha, Antônio construiu uma morada no alto do morro rochoso. O lote custou-lhe pouco, pois a posição do terreno, tão próximo ao oceano, tornava-o vítima dos elementos marítimos, rapidamente desgastando a residência. Muitos se incomodariam com o alto custo de reparos sem fim, não havendo prego no assoalho ou rejunte nas paredes imune ao efeito das águas, mas não Vanessa.

Vanessa nunca havia atravessado para além da plataforma conti-

mental. Não por falta de vontade de conhecer o local de trabalho de seu marido. Mas porque onde lhe sobrava curiosidade, faltava coragem. O mar já a havia custado uma vida. Seu filho, Otaviano, sonhava em ser como Antônio, capitão do próprio navio, um homem bom que comandaria outros homens bons. Compartilhava muitas das características do pai, porém quase nenhuma da mãe, sobrando-lhe valentia. Costumava se aventurar para além dos limites permitidos por seus pais, fora da marina, fora do alcance daqueles que poderiam socorrê-lo, fora dos extremos da bravura. Custando a sua família uma alma, privando a ilha de um menino destemido e roubando do futuro um homem bom que comandaria outros homens bons. Otaviano estava onde seu destino inevitavelmente o levaria.

O mar era seu legado, seu patrimônio, sua herança. Muitos não suportariam mais ver o oceano, sentir seu cheiro e o sal de suas ondas, mas não Vanessa.

Porém, hoje as circunstâncias estavam trocadas. Era Antônio quem mirava o pélagos sentado na varanda, enquanto Vanessa navegava pelas correntes que tudo carregam para o além horizonte. Era Antônio quem se esforçava para não perder a última vez em que veria a sua amada antes que fosse consumida para o fim do abismo azul. Agora faltaria apenas ele, pois o mar a tudo leva, o mar a tudo une. Levava Antônio por semanas, ocasionalmente. Levou Otaviano, abruptamente. Levaria a casa, eventualmente. E agora, leva Vanessa, dolorosamente.

— C

Luciana Mourão V. Paulistano de Santana

Rio de Janeiro – Rio de Janeiro

O MAR ENFEITIÇADO

Ao caminhar pela Avenida da Areia, ouvindo o ruído dos veículos, Monteiro nem parecia morador da cidade. Ele andava lentamente, como sempre focado no final da avenida, onde ficava o mercado de peixes. Ele próprio não sabia como era, pois nunca fora até lá. Mirava apenas no propósito final e voltava depois da curva da avenida, antes de chegar ao mercado. Os carros que passavam ao seu lado tampouco lhe interessavam ou incomodavam.

Caso alguém cruzasse com ele pela calçada e fizesse algum comentário sobre o mar, ele sabia concordar ou discordar mesmo sem olhar para o lado. Ele ouvia com minúcia o som do mar e inspirava fundo o cheiro da maresia. Assim, conseguia instruir se este alguém poderia mergulhar ou se era melhor se precaver devido à correnteza, altura ou violência das ondas.

Monteiro aprendeu tudo sobre o mar desde pequeno, quando se mudou para Santificado, com o pai e a irmã. Era especialista em seus segredos. O barulho, o cheiro e a temperatura eram, para ele, formas de apreensão natural do estado de movimento das águas.

Aos 8 anos de idade, Monteiro ainda era chamado de Silvinho. A família veio do interior. Seu Silvio sofria seu luto há apenas quatro meses. Viveu a tristeza da morte da esposa na medida da responsabilidade em criar Silvinho e Sara sozinho. Por obra do destino, Angelina foi pega pelo ônibus escolar da comunidade com apenas 35 anos. Era dia de chuva forte e o motorista não conseguiu controlar o ônibus naquele lamaçal, rolando barranco abaixo. Das 15 crianças que viajavam para o jardim de infância, somente Silvinho sobreviveu. Seu pai o considerou um iluminado, salvo pela mão da mãe, que havia se desligado dessa vida minutos antes.

Após 120 dias de luto, seguia trabalhando no mercadinho da vila, concentrado e cabisbaixo. De repente, chegou o telegrama com o resultado do concurso para auxiliar de administração da prefeitura de Santificado, que ficava a 100 quilômetros dali, no litoral. Seu Silvio esticou tanto o olho enquanto lia o telegrama, que sentiu as pálpebras tremerem. Precisava acreditar no que lia e logo começou a pensar em como organizar tudo para se mudar. Teria poucos dias para encontrar uma pensão para morar, catar os documentos e os trecos dos meninos para se ajeitarem lá em Santificado, que não era minúscula como a vila onde viviam. Era uma cidade do litoral, com praça, catedral, mar e avenida larga com duas pistas.

Com ajuda dos amigos, em 15 dias estava tudo arrumado em três malas. Deixou a casa onde vivia com os móveis lá dentro para o próximo inquilino. Só vendeu o fogão e a geladeira para poder levar um dinheirinho na mudança.

Quando ele chegou à estação rodoviária deixou Silvinho quieto, segurando a mão de Sara, enquanto ia até a prefeitura dar entrada nos papéis para tomar posse em seu novo cargo. O garoto ficou sentado no banco com a maninha até ver, no final da rua, uma praia agitada. Visualizava o mar cinzento que se mexia lá longe. Tentou esperar o máximo que pôde. Porém, o hipnotismo daquela água sacudida, acabou lhe puxando até ela. Lá se foi com Sarinha e as três malas num sacrifício danado. Os 15 minutos que seu pai já tinha demorado na prefeitura, pareceram uma eternidade. Antes de partir, pensou: “depois meu pai me acha lá. Vou rezar pra mãezinha cuidar da gente e ele vai entender.”

Realmente Silvio ficou bem mais tempo do que imaginara na reparação. Desesperou-se quando chegou ao ponto de encontro e não viu as crianças. Saiu esbaforido perguntando para as poucas pessoas que se encontravam na rodoviária se haviam visto duas crianças pequenas por lá. O dono do bar se aproximou. Ele tinha visto Silvinho, Sarinha e o bololô das três malas rumando para os lados da praia. Silvio correu mais que bola de futebol até alcançá-las. A bronca foi grande, mas as novidades que tinha para contar superaram todo o desacerto.

Silvio foi lotado no Escritório de Obras Públicas de Santificado. Sua função seria separar o material que os operários levavam para usar nas obras. Ia trabalhar no pequeno galpão colonial que ficava exatamente na avenida da praia, que até aquele momento ainda tinha chão de barro. A primeira obra para a qual ia exercer sua tarefa era exatamente no calçamento da nova Avenida da Areia. Com isso, ficou fácil decidir em que local iria alugar sua casinha para morar com Silvinho e Sara. Queria fazer de Santificado uma morada de paz e amor, e deixar para trás o sofrimento que a viuvez lhe impusera.

Na pensão onde se instalou logo que chegou, conheceu uma moça que estudava no ginásio municipal da cidade. Gertrude se ofereceu para cuidar das crianças no período da tarde. De manhã, a dona da pensão olhava os pequenos desde que eles ficassem no quarto, para não bagunçar a casa. Silvinho cuidava da irmã e só saíam para a copa na hora de tomar o leite com pão e banana, e almoçar, quando Gertrude chegava.

A moça se enfeitou pelos pequenos e todas as tardes ia com eles passear na praia. Lá se acomodavam na sombra de uma amendoeira. Levava seus cadernos para revisar o ponto das aulas e também pás e baldinhos de brinquedo. Era um olho nos papéis e outro nos miúdos. Os irmãos adoravam os passeios. Faziam castelinhos e corriam na beira da água como se estivessem fugindo das ondas. Silvinho, mais do que tudo, prestava atenção nos movimentos das marés enquanto Sara se empanava na areia. Com tempo bom, era na praia que ficavam. Mas se chovesse, Gertrude inventava brincadeiras na sacada da casa. Após um ano fazendo isso, Silvinho já era capaz de predizer se o mar ia se revoltar no dia seguinte, se a água ficaria mais turva devido a areia ou se haveria formação de piscininhas na maré baixa.

A força e a direção dos ventos ajudavam Silvinho a informar sobre a praia que teriam no dia seguinte. Até a temperatura da água era objeto dos palpites do menino. Esse encantamento e a busca de conhecimento marítimo o acompanhou até a juventude. Na escola, desde cedo seus colegas já o chamavam de Monteiro e era reconhe-

cido como o “homem do mar”. Sempre que alguém queria fazer um passeio de barco ou organizar um piquenique na praia, antes procurava por ele para saber das previsões. O rapaz tinha mais intimidade com a tabela das marés do que com a tabuada.

Quinze anos após a chegada da família em Santificado, muita coisa havia mudado. A Avenida da Areia foi alargada e muitos prédios foram construídos. O galpão colonial onde Silvio trabalhava foi modernizado, porém manteve-se a rica e histórica fachada. O pai ainda estava por lá, mas já se cansava e esperava pela hora de sua falecida esposa pedir que sua alma fosse viver com ela lá nas alturas celestiais.

Certo dia, Monteiro chegou em casa entusiasmado com a ideia de fazer faculdade de Oceanografia. Caso passasse no vestibular, no final do ano teria de se mudar de Santificado para a Capital. Silvio ouviu tudo o que o filho disse e apenas completou:

— Ainda vão te chamar de doutor Monteiro, meu filho. Mergulha fundo no seu sonho que você vai conseguir. Já és o mestre das marés aqui de Santificado. Tens autoridade no assunto. Sarinha fica aqui comigo rezando por você. Não esqueça de que, no mar, às vezes, a gente se desequilibra e pode tombar, mas tem que ter impulso para levantar. É preciso força e coragem para nadar contra a corrente. Fôlego não pode faltar — e recostou, cansado, no sofá.

Monteiro considerou sensíveis e pertinentes as palavras do pai. Apenas não compreendeu o motivo de serem pronunciadas naquele dia, já que ainda estava longe o vestibular e ainda mais longe a certeza da aprovação. Ele sabia, como ninguém, que o mar pode ser traiçoeiro, puxar para dentro em sua corrente de retorno. Assim também eram os estudos. Precisava se preparar. Depois do breve diálogo com seu Silvio, resolveu nadar um pouco para assimilar as ideias. Aquela mensagem de equilíbrio, fôlego e força era algo instigante. Lembrou que o velho não cuidava muito dos remédios prescritos para o coração. Intuiu que Silvio estava remando para longe da costa e não teria forças para voltar. Antes de mergulhar foi até o mercado de peixes, que até então não conhecia, e comprou um robaló para o jantar.

Depois nadou tranquilamente. A água morninha o afastou da melancolia. Resignou-se com a morte iminente.

Na saída, batia em suas pernas com a camiseta a fim de limpar a areia grudada, enquanto começava a planejar sua futura carreira de oceanógrafo. Sorria. Abaixou-se, e por entre suas pernas, viu uma onda crescer distante no mar. Uma onda estranha para aquele mar calmo! Monteiro ficou petrificado diante do surpreendente fenômeno. Olhou no entorno e não viu ninguém. Não correu. Como um feitiço, a onda veio e deu-lhe uma rasteira, fazendo-o tombar e ser puxado pela força da água.

No dia seguinte, Sara precisou da ajuda de vizinhos para cuidar de dois enterros. Do irmão que se afogou depois de uma onda enfeitada, e do pai, que desistiu dos remédios para ir atender ao chamado celestial da esposa.

Santificado orou e chorou a perda daquelas vidas queridas. O destino quis a união dos dois para subirem aos céus. Sara criou forças para lidar com as tempestades da vida e, dois anos depois, foi aprovada no vestibular de Oceanografia. Resoluta, seria para sempre a senhora Monteiro, “dona das marés” de Santificado.

— **C**

Flávio Santos de Sousa
Volta Redonda – Rio de Janeiro

ASSIM SEJA

Quando abre a janela do apartamento que fica no segundo andar de um prédio baixo com vista para a avenida movimentada, Dona Jussara se apressa em conferir se o cobertor vermelho com estampa de coraçõezinhos brancos está estendido no canto da calçada. Sente uma mistura de alívio e compaixão ao constatar que abaixo dele existe o volume de um corpo.

94

Numa manhã de nevoeiro, Cremildo acordou em posição fetal. Tinha sobre si algumas folhas de papelão. A tontura era muito mais efeito da fome do que da cachaça consumida para espantar o frio ao longo da madrugada. Levantou-se com esforço e, cambaleante, atravessou a rua. Seguiu caminhando alguns metros até entrar numa padaria. Junto ao balcão, catou alguns trocados que estavam amarrados no bolso da calça surrada, fez as contas e percebeu que tinha o suficiente para pedir um pão com manteiga e um café puro. Benzeu-se. Depois, quase já na saída da padaria, virou-se para o balcão e viu o copo no qual tomara seu café ser levado pelo atendente até uma pia afastada e repleta de espuma, local usado para lavar materiais de limpeza. Por mais que a vida calejada o tivesse deixado isento a sentimentalidades, Cremildo se incomodou por ter visto seu copo ser desinfetado com mais rigor.

Dona Jussara presenciou todas essas cenas a partir do momento em que saiu pela porta do prédio e se deparou com Cremildo emergindo da pilha de papelões para, em seguida, se levantar e atravessar a rua. De braços cruzados para se proteger do frio, ela observava mais à frente o desfile trôpego de Cremildo. A padaria era o mesmo destino dos dois. Lá dentro, enquanto esperava que lhe trouxessem três pães franceses, Dona Jussara avaliava o comportamento daquele que era seu vizinho peculiar. Chamou-lhe a atenção o costume que

ele tinha de se benzer de tempos em tempos. Bem devagar.

Naquele mesmo dia, no fim da tarde, Dona Jussara saiu pela porta do prédio e se dirigiu até onde Cremildo, sentado no canto da calçada que lhe servia de cama, manuseava latinhas vazias de cerveja. Ela então lhe entregou um cobertor vermelho com estampas de coraçõezinhos brancos. Cremildo parecia incrédulo. Surpresas boas para ele eram como a visita de um cometa. Rapidamente sentiu-se na obrigação de dar satisfação sobre as latinhas de cerveja.

— Não tomei isso tudo não, tá? É que eu uso as latinhas pra fazer umas motoquinhas. Sou um tipo de artesão.

Assim como uma criança que se empolga em querer elogio por alguma peripécia, Cremildo se apressou em retirar de uma sacola o exemplar da miniatura de uma moto. O guidão, as rodas e até o descanso, tudo feito de alguma parte da latinha.

— Que criatividade! Você tem talento – encantou-se Dona Jussara. — Ganha um dinheiro com elas?

— O pessoal compra pra me ajudar. Eles preferem as motoquinhas feitas com latinha da Heineken. Tá na moda. É aquela coisa da oferta e da procura. Motoquinha da Heineken eu peço dez. As outras eu peço cinco.

— Então vou levar essa de dez – decidiu Dona Jussara com o tipo de sorriso que Cremildo pensava já não existir mais.

— Muito agradecido. Faço questão que a senhora leve mais uma de brinde, uma feita com latinha de Coca-Cola.

Dona Jussara passou a pedir aos filhos as latinhas de cerveja vazias que fossem resultado dos churrascos, dos aniversários, dos fins de semana mais animados. O detalhe é que elas tinham que ser da Heineken.

No exercício de seu mecenato, Dona Jussara abastecia Cremildo de matéria-prima para a produção artística. Numa das ocasiões em que lhe foi levar as latinhas, notou que uma pequena escultura de santa se destacava na calçada, bem ao lado de onde Cremildo estava sentado, algo como uma companhia.

— Se tem rezado é porque ainda tem esperança – disse Dona Jus-

sara. — O que vai querer da vida?

Encabulado, Cremildo baixou a cabeça e fixou a atenção num ponto qualquer do chão. Não achava que seu futuro estivesse disponível. Mas, de repente, ergueu a cabeça e encarou Dona Jussara com serenidade.

— Quero ser padre – confidenciou Cremildo, deixando as palavras se acomodarem no espaço entre os dois. — Tenho vícios, tenho dívida com gente perigosa, vivo em frangalhos e se isso tudo não me atrapalhar eu chego lá. É que a única vez que meus pais se entenderam na vida foi na presença de um padre.

— Assim seja – disse baixinho Dona Jussara, mais para si do que para Cremildo.

Este é um dia diferente. Dona Jussara se debruça na janela e vê o cobertor vermelho sem cobrir ninguém. No segundo dia, a mesma coisa. Ela então desce, sai do prédio e dá alguns passos até o lugar onde há um vazio. Para que ninguém se aproprie de nada, recolhe o cobertor, a sacola de coisas variadas e a pequena escultura sacra. Quando retorna ao apartamento, examina com cuidado a escultura e descobre se tratar de uma imagem de Santa Rita de Cássia, a padroeira das causas impossíveis.

Anos depois, Dona Jussara faleceu do jeito que toda velhinha bondosa deveria falecer. Deitou para dormir e descansou em paz. O velório ficou cheio. Houve choro, mas também cantoria e boas lembranças. Antes de iniciar uma oração de consolo, o padre se benzeu de uma maneira diferente, bem devagar.

— **C**



A Academia de Letras da Grande São Paulo (Algrasp) é uma instituição cultural inaugurada em 11 de agosto de 1981, cujo objetivo é o cultivo da língua e da literatura nacional.

Compõe-se de 40 membros efetivos e perpétuos, e cinco sócios-correspondentes. A Academia de Letras foi presidida por 27 anos consecutivos por Rinaldo Gissoni, seu fundador, que outorgou a Gioconda Labecca a presidência desta Casa, a qual presidiu com magnificência por 7 anos. Maria Zulema Cebrian, sua atual presidente, está no cargo há 10 anos.

Academia de Letras da Grande São Paulo

COLETÂNEA

Concurso de Contos e Crônicas

Gioconda Labecca

2024

ISBN: 978-65-88128-07-7



9 786588 128077

